

de mão de obra oferece ao filho ou irmão mais novo a chance de escapar das dificuldades familiares. Apesar do desenvolvimento de novas forças de distúrbio na família extensa, o número crescente de modos alternativos de comportamento tem frequentemente evitado rupturas declaradas em situações em que o vínculo sentimental forte *per se* falharia.

A dança kalela: aspectos das relações sociais entre africanos urbanizados na Rodésia do Norte¹

J. Clyde Mitchell

Introdução

Kalela é o nome de uma dança "tribal" popular no Cinturão do Cobre da Rodésia do Norte. Algumas de suas características atraíram minha atenção quando estava empenhado no trabalho de campo, e utilizei-as como meio de investigar o tribalismo e outros traços de relações sociais entre africanos nas cidades da Rodésia do Norte.

Ao apresentar o material e sua análise, tentei seguir o método usado por Gluckman (1940a). Esse autor inicia seu trabalho com a descrição de uma cerimônia de inauguração de uma ponte conduzida pelo comissário-chefe nativo, isola os elementos importantes e, então, insere-os na sociedade maior

¹ Tradução de Marcelo Gruman <marcelogruman@hotmail.com>.

para demonstrar seu significado na cerimônia que acabara de descrever. Acompanhando a liderança nesse evento, Gluckman faz uma análise histórico-sociológica acerca da estrutura total da Zululândia moderna.

Neste ensaio, tento empregar as mesmas técnicas gerais. Início com uma descrição da dança kalela e, então, relaciono suas principais características ao sistema de relações entre africanos no Cinturão do Cobre. A fim de alcançar tal objetivo, devo levar em consideração, em certo grau, o sistema de relações entre brancos e negros na Rodésia do Norte. Trabalhando com uma situação social específica no Cinturão de Cobre, o tecido social do território, tomado como um todo, é assim compreendido.

Kalela

A dança tribal tornou-se uma característica da vida urbana por todo o sudeste africano. No Witwatersrand (literalmente "Cordilheira das Águas da Sabedoria"), a dança militar dos povos Nguni tornou-se um espetáculo para turistas, visto durante as visitas a Johannesburg. Esse tipo de dança tornou-se também uma espécie de recreação organizada, na qual equipes de dançarinos competem semanalmente (Jokl, 1949).² No Cinturão do Cobre, não obstante, a dança "tribal" é uma característica da vida africana. Diferentemente da magnífica dança emplumada, rítmica e militar dos povos Nguni, a dança tribal no Cinturão é um pouco modesta e, em comparação com as danças do sul, quase vulgar. Contudo, em cada cidade ou localidade africana – que tem suas próprias cantigas –, equipes de dança de diferentes tribos apresentam-se nas tardes de domingo ou em feriados oficiais.

Ngonde, o povo do Kasai, Nsenga, Cewa, Ngoni e muitas outras tribos têm suas próprias danças, porém a mais popular

2 Um prêmio é dado à equipe que vence a competição da dança tribal, realizada anualmente em Salisbury.

é a kalela,³ dançada em todo o Cinturão do Cobre por povos do nordeste da Rodésia do Norte. Em 1951, pude assistir diversas vezes à kalela representada por uma equipe Bisa no conselho administrativo de Luanshya. Nessa época, obtive uma quantidade significativa de informações sobre a formação social dos dançarinos.⁴ A descrição da dança e dos dançarinos é baseada no trabalho dessa equipe.

A equipe Bisa era formada por dezenove homens jovens. A indumentária dos dançarinos representantes da plebe era composta de calças compridas de cor cinza, camisas limpas e bem passadas e sapatos bem polidos. Alguns levavam lenços brancos na mão direita. Os cabelos eram cuidadosamente penteados com uma divisão bem definida. Em suma, tratava-se de jovens vestidos "à europeia". A equipe dançou acompanhada de três grandes tambores, feitos com galões de óleo cuja capacidade chegava a 88 litros e cobertos com couro de boi. Dois percussionistas utilizavam bastões feitos de banana com mais ou menos 60 cm de comprimento. O ruído dos tambores podia ser ouvido a milhas de distância: na arena de dança, era ensurdecedor. Os tambores foram erguidos num poste no centro de um cercado e os dançarinos circulavam ao seu redor em fila indiana. A dança

3 Há muitas danças similares à kalela, porém conhecidas por diversos nomes. A dança *mberi*, espalhada pela África Central antes da guerra de 1939-1945, era quase idêntica à kalela. Uma dança conhecida como *nganda* na província oriental da Rodésia do Norte é igual. Uma dança entre os Tonga do lago, chamada *ndipenga*, possui muitas características semelhantes. O C. M. N. White conta que uma dança similar entre os Luwale, Luchazi e Chokwe é conhecida como *nyakasangwa*, embora ele chame a atenção para o fato de seus vizinhos, os Lunda do ocidente, chamarem-na de kalela. Em uma recente competição de danças tribais, ocorrida em Mutulina e noticiada no *Miyulina Star* (v.4, n.6, jun. 1956), as equipes Kalela Smart e Karonga Boma, segunda e terceira colocadas, eram formadas por dançarinos de kalela.

4 Sou grato a Sykes Ndilila, então assistente de pesquisa do Rhodes-Livingstone Institute, que coletou informações pessoais dos dançarinos e gravou as letras das canções.

consistia em passos arrastados acompanhados de um leve encurvar de corpo. Periodicamente, o líder da banda marcava o som dos tambores com um sopro num apito de futebol, depois do qual os participantes se voltavam em uníssono para os tambores. Durante parte da dança, os tambores permaneciam em silêncio enquanto os dançarinos cantavam uma canção.

As equipes de dança

Todas as equipes de dança são organizadas da mesma maneira. A composição da que nos é familiar é a seguinte: no comando está o "rei"⁵, eleito pelos membros da equipe para ser o seu organizador e administrador (Barton, 1953a, 1953b). Ele também é o responsável da equipe: seus membros pagam-lhe uma contribuição quando vão para outra cidade do Cinturão do Cobre por ocasião de competições com outras equipes de kalela ou quando há alguma festividade. Quando assisti à dança, vestia-se diferentemente dos dançarinos: trajava terno, colarinho e gravata, chapéu e usava um par de óculos escuros. Após algum tempo, o "rei" interrompeu a dança para cumprimentar cada dançarino, da mesma forma como uma celebridade age com equipes em um jogo de futebol.

O líder da dança era Luke Mulumba, que sucedeu seu irmão em 1948. Na realidade, Mulumba comanda a dança enquanto o "rei" não desempenha um papel ativo. É ele que inventa os passos e compõe a letra das canções, as quais são de suma importância para a dança. Um "doutor", vestido com um roupão cirúrgico branco com uma cruz vermelha estampada na frente, também estava presente. Seu dever era encorajar os dançarinos. Uma "irmã enfermeira", a única mulher do grupo, vestia-se de branco e circulava com um espelho e um lenço, o que permitia que cada

dançarino pudesse certificar-se de que estava limpo e arrumado. Ela limpava o suor dos rostos à medida que representavam a kalela. Trata-se da irmã de Luke e esposa do "rei". O resto da equipe é formado por dançarinos e percussionistas.

O Quadro 1 apresenta algumas características da equipe.

Quadro 1 – Características da equipe

Papel	Título	Chefe	Nascimento	Religião	Escolaridade	Estado civil	Ocupação
Rei	Bisa	Matipa	1910	Witchowr ⁶	Nenhuma	Casado	Alfaiate
Líder	Bisa	Matipa	1928	Católico	Educação fundamental	Solteiro	Officer-boy
Doutor	Bisa	Matipa	1925	Católico	Nenhuma	Solteiro	Operário
"Irmã"	Bisa	Matipa	1933	Católica	Nenhuma	Casada	Dona de casa
Dançarino	Bisa	Matipa	1921	Católico	Um ano de ensino fundamental	Solteiro	Operário
Dançarino	Bisa	Matipa	1925	Católico	Nenhuma	Casado*	Operário
Dançarino	Bisa	Matipa	1926	Pagão	Nenhuma	Solteiro	Alfaiate
Dançarino	Bisa	Matipa	1926	Católico	Um ano de ensino fundamental	Solteiro	Operário
Dançarino	Bisa	Matipa	1928	Católico	Dois anos de ensino fundamental	Solteiro	Operário
Dançarino	Bisa	Matipa	1928	Católico	Nenhuma	Solteiro	Operário
Dançarino	Bisa	Matipa	1929	Católico	Nenhuma	Solteiro	Operário
Dançarino	Bisa	Matipa	1929	Católico	Nenhuma	Divorciado	Operário
Dançarino	Bisa	Matipa	1929	Católico	Um ano de ensino fundamental	Solteiro	Atendente de bar
Dançarino	Bisa	Matipa	1929	Católico	Letrado**	Casado*	Operário
Dançarino	Bisa	Matipa	1929	Católico	Nenhuma	Solteiro	Caminhoneiro
Dançarino	Bisa	Matipa	1930	Católico	Nenhuma	Casado*	Caminhoneiro
Dançarino	Bisa	Matipa	1932	Católico	Tês anos de ensino fundamental	Divorciado	Jardineiro
Dançarino	Bisa	Matipa	1933	Pagão	Nenhuma	Solteiro	Operário
Dançarino	Bisa	Chiwa	1924	Pagão	Dois anos de ensino fundamental	Solteiro	Operário
Dançarino	Bisa	Chiwa	1924	Pagão	Nenhuma	Divorciado	Operário
Dançarino	Bisa	Chiwa	1924	Católico	Nenhuma	Solteiro	Desempregado
Dançarino	Bisa	Chiwa	1925	Católico	Nenhuma	Solteiro	Operário
Dançarino	Bisa	Chiwa	1928	Católico	Nenhuma	Solteiro	Operário
Dançarino	Bisa	Chiwa	1927	Pagão	Dois anos de ensino fundamental	Solteiro	Alfaiate
Dançarino	Ngoni	Mshawa	1929	Mucumhano	Nenhuma	Divorciado	Alfaiate

*Casado, porém a mulher vive na área rural.

**Sabe ler e escrever, mas não tem educação formal.

5 Oficiais com títulos "européus" também aparecem em grupos de dança urbanos na África Ocidental.

6 No Brasil, Testemunha de Jeová. (N. E.)

A equipe é formada por homens do reino do chefe Bisa Matipa. Luke Mulumba, o líder que, de fato, domina a equipe, é o filho da irmã de Matipa e fica claro que atraiu certo número de súditos do irmão de sua mãe. Suas canções louvam o chefe Matipa e, assim, indiretamente, a ele próprio.

Há também cinco homens de um reino Bisa vizinho, sob a chefia de Chiwa,⁷ que são facilmente aceitos porque, como veremos mais adiante, na situação existente no Cinturão do Cobre, a equipe de Luke Mulumba é representativa de todos os Bisa.

Os Nugmbo, sob a chefia de Mwena, e os Aushi, sob a área chefiada por Milambo, também possuem equipes de kalela. Havia uma equipe Bisa composta por membros de todos os reinos, o que ratificava a supremacia do chefe Kopa. A equipe de Mulumba foi formada com o objetivo de louvar o chefe Matipa e, para tanto, rompeu com a outra equipe Bisa. Ainda em público, expressam formalmente a unidade de todos os Bisa contra outras tribos, como é possível perceber em uma das das canções de abertura:

Líder: "B"
 Dançarinos: "Bisa"
 Líder: "C"
 Dançarinos: "Cilubi, ilha cercada por água"
 Líder: "CPK"
 Dançarinos: "Comissário da Província Kopa"

Nessa canção, evocam o símbolo do chefe supremo a fim de expressar sua unidade contra todas as outras tribos e o prestígio do chefe Kopa em termos peculiarmente modernos. Dessa forma, os Bisa (que não os do chefe Matipa) podem participar da dança e ignorar suas diferenças internas ante a situação multitribal de uma área urbana.

Além da origem tribal da equipe, há outras regularidades significativas. Ninguém tem mais de 30 anos de idade, e muitos têm menos de 25. É verdade que os homens, no Cinturão do Cobre, tendem a ser selecionados dentre os mais jovens, mas a equipe de Mulumba é mais jovem que a média da população da região.⁸ O "rei", por sua vez, tinha 41 anos. Outra notável regularidade é que todos os dançarinos vivem nos alojamentos para solteiros. Três deles são casados, mas suas mulheres vivem no campo; os demais são solteiros ou divorciados. O "rei", entretanto, é casado e sua mulher, irmã de Luke Mulumba, é a "irmã" da equipe.

O fato de todos os dançarinos cristãos serem católicos não é, em si, significativo, na medida em que a missão católica é a única presente na área de Matipa. Porém, é interessante notar que, novamente, o "rei" é, em contraste com os dançarinos, um *watchtower* (literalmente, "torre de controle"). Mais impressionante é o fato de que nenhum dos dançarinos é funcionário de "colarinho branco" ou mesmo profissional de baixo escalão, relevante à luz da discussão posterior.

A canção

Um passeio despretenso pelo conselho administrativo durante um domingo à tarde é suficiente para constatar a incrível popularidade da kalela sobre todas as outras danças tribais. Enquanto há um punhado de gente observando outras danças, a arena da kalela fica abarrotada de espectadores que, obviamente, se divertem. Há várias razões para a popularidade. A percussão é espetacular e os dançarinos estão bem-vestidos, mas acho que a atração principal cabe às canções. É significativo, talvez, que

⁷ Há um homem que chama a si mesmo de Ngoni. Ele é o filho de um homem Yao nascido em Fort Jameson e é o melhor amigo de Luke. Aparelmente, ele está na equipe por um favor concedido especialmente.

⁸ Havia um dançarino, dentre os 19, que tinha 30 anos, mas, na população de Luanshya, 47,5% dos adultos do sexo masculino tinham 30 anos ou menos.

sejam entoadas na língua Bemba, amplamente falada no Cinturão do Cobre. Como os dançarinos utilizam a língua franca da cidade, os espectadores compreendem suas canções mais facilmente do que as entoadas por outras tribos em uma língua compreensível apenas a uns poucos forasteiros.

Uma segunda razão para a popularidade das canções encontra-se no seu conteúdo. Os versos são espirituosos e temáticos. Gravei 14 estrofes da canção que Luke Mulumba entou em 1951. Está claro que novas estrofes estão sendo permanentemente acrescentadas, e as antigas, retiradas. Mas uma análise dessas estrofes fornece-nos dados sobre o estilo de vida dos africanos no Cinturão do Cobre. É difícil repassar o conteúdo exato dos versos, pois são entoados em Bemba da região: têm anglicismos em abundância, palavras de zulu crioulo e referências à situação urbana. Tudo isso dá às canções um aroma sofisticado, perdido na tradução.

Ao menos seis das estrofes são autoelogios dos dançarinos de kalela, mas essas canções de louvor têm, como pano de fundo, o ambiente urbano. Uma delas diz:

Os *watchtower*⁹ estavam tentando me converter, desesperadamente, no sábado,
Que eu deveria ir ao seu local de reuniões às duas horas de domingo.
Nós também temos evangelhos – os tambores.
Nós, que dançamos a kalela.
Deus não odeia ninguém.
Ao céu devemos ascender.
Devemos ir e viver na casa de Lúcifer.
Na sua palçada.¹⁰

9 Adeptos da religião *Watchtower* (Testemunha de Jeová) e Sociedade do Acordo representam 19,6% da população adulta masculina e feminina no conselho administrativo de Luanshya em 1950.

10 Utiliza-se a palavra Bemba *cipango*, referente à palçada em volta da aldeia do chefe.

A dança kalela: aspectos das relações sociais...

Devemos ir com nossos tambores,
Até no céu você ouvirá soar.

Outra estrofe segue assim:

Vocês, mulheres, dançando na pista.
Vocês devem ir antes que seja tarde demais.
Vocês devem ir e comer antecipadamente.
E vocês devem dizer aos que ficaram em casa
Que eles devem vir depois de haver comido.
Aqueles que querem lavar roupa, deixem-nos fazê-lo.¹¹
Aqueles que querem passar roupa, deixem-nos fazê-lo.¹²
Aqueles que querem banhar-se, deixem-nos fazê-lo.
Aqueles que querem vestir-se, deixem-nos fazê-lo.
Por causa da dança de hoje.
Cinturão do Cobre! Tambores!
O "juiz" está lá.¹³

Os espectadores estão chegando de Lambalândia e de outros lugares remotos.¹⁴

Por que vocês batem no tambor?

Às duas horas começa.

A canção terminou, mães, vão embora.

Hoje, alguém será surrado com a vara.

Mas não nos culpe e diga:

"Eu morro por sua causa, dançarinos de kalela."¹⁵

Alguns dos versos referem-se a situações tipicamente urbanas. Em uma delas, a senhorita elegante e esperta, que usa pó de

11 Usa-se o anglicismo *Kuwasha*: *to wash*: lavar (roupas).

12 Utiliza-se o verbo *kuchisa*, derivado do zulu por *kitchen-kaffir*. Essa parte da estrofe refere-se à grande atenção que os dançarinos dão à aparência pessoal.

13 Trata-se de referências ao futebol, jogo bastante popular entre os africanos da região.

14 O Cinturão do Cobre é limitrofe com as áreas tribais de Lamba.

15 Nessa referência que é repetida em outra estrofe, subentende-se que, pelo fato de as mulheres gostarem de assistir aos dançarinos da kalela, elas acabam negligenciando seus maridos e, por isso, sofrem consequências.

arroz e pintura, é satirizada. Em outro, o interesse mercenário dos pais nos dores de casamento é condenado. Os dançarinos entoam:

Mulumba deveria trabalhar no matadouro,
Assim, poderia roubar cabeças de gado abatido,
Assim, a mulher que ama cabeças de gado abatido
Pode oferecer-lhe sua filha.
É legal trabalhar em um açougue,
Você pode receber uma linda moça pra casar.
Por causa do amor pela carne.
Há quem venda suas filhas.
Que lindas moças, elas casam com homens inúteis.¹⁶
Elas estão em uma situação difícil.¹⁷
Ele lhes dará uma cabeça de vaca.
A filha foi aprisionada.¹⁸
Aqueela que é a certa para Mulumba,
A ser levada para a cidade¹⁹ de Matipa.
Para ser a "irmã" na dança de chocalhos.²⁰

Muitas das estrofes da canção, no entanto, lidam especificamente com a diversidade étnica da população urbana. Referem-se tanto às diferentes línguas e aos costumes de outras populações quanto às boas qualidades Bisa de Matipa. Uma delas segue assim:

Vocês, mães, que falam Tonga,
Vocês que falam Soli, mães,
Ensinem-me Lenje.²¹
Como posso ir e cantar

- 16 Ele usa o termo *kobe*, que acredito ser um animal. Não posso identificá-lo.
17 Usa-se o termo *ufwafwa*: escravidão.
18 Usa-se o termo *chankwakwa*, cuja origem não está clara. Pode ser derivado da gíria militar *yankers*.
19 Utiliza-se o anglicismo *shite*: cidade.
20 Irmã no sentido de irmã-enfermeira.
21 Essas três línguas pertencem ao mesmo grupo linguístico.

Esta canção que vou dançar na nação Lenje?
Soli eu não sei,
Tonga eu não sei,
Lozi eu não sei,
Mbwela é difícil,
Kaonde é difícil.

Todos esses lugares que mencionei, mães,
São aqueles em que dançarei a kalela.
Então, os dançarinos retornarão²² à nação Lamba.
Na aldeia do chefe Nkana devo dançar.
Na aldeia do chefe Ndubeni devo dançar.
Na aldeia do chefe Mushili devo dançar.
Na aldeia do chefe Karala devo dançar.
Na aldeia do chefe Chiwala devo dançar.²³
Então, irei e direi adeus ao chefe Karanga,
Que é meu sogro,
Aquele cuja filha desposi.²⁴
Quando terminar este trabalho, mães,
Nunca mais ficarei na Terra de Lamba,
Mas devo apressar-me²⁵ para minha terra natal do chefe Matipa.

Outra estrofe lida com a preocupação Lamba em relação aos casos de adultério:

Mães, estive em muitos tribunais
Para ouvir os casos a serem resolvidos:
Resolviam casos de divórcio,
Falavam de casos de bruxaria.

- 22 Usa-se o anglicismo *lifesti*: reverso.
23 São todos chefes locais Lamba. Chiwala, cujo território se localiza no perímetro de Ndola, estritamente falando, não é Lamba, mas Yao. Seus súditos, entretanto, são basicamente Lamba, e muitos africanos do Cinturão do Cobre consideram-no um chefe Lamba.
24 Não compreendo essa referência.
25 Usa-se o anglicismo *sipiti, speed*: velocidade.

Falavam de roubos,
Falavam de sonegação de impostos
E recusa de trabalhar por tributo.
Mas as coisas que vi no tribunal de Mushili;²⁶
Estas coisas me surpreenderam.
De nove horas da manhã às quatro horas da tarde,
Houve apenas casos de adultério.
Então, perguntei ao porta-voz do tribunal:
"Vocês têm outros casos para resolver?"
O porta-voz disse: "Não".²⁷
Não há outros casos.
É assim na Terra de Lamba.
Não há casos de assalto.
Não há casos de roubo.
Estes são os casos na Terra de Lamba.

Um comentário significativo aparece em outra estrofe, em que Mulumba está se gabando de suas habilidades linguísticas. Ele entoou:

Canto em Henga, canto em Luba,
Canto em Zulu e Sotho.
Pego Nyamwanga e Soli e coloco-as juntas.
Abandonei o Lwena porque é muito comum.
As línguas Nyakyusa, Kasai e Mbwela são as remanescentes.

As tribos de Angola que fazem fronteira com a Rodésia do Norte, incluindo os Lwena, são as que aceitam emprego de removedores de fezes humanas. Por essa razão, são menosprezados por outras tribos do Cinturão do Cobre. A menção à língua Lwena refere-se ao estereótipo impingido aos povos Lwena e Luvale, de que tratarei mais adiante.

²⁶ Usa-se o anglicismo *koti*, *court*: tribunal. Mushili é um chefe Lamba, perto de Luanshya.

²⁷ A resposta do porta-voz é cantada na língua Lamba, muito similar ao Bemba, para ser entendida pela maioria dos africanos no Cinturão do Cobre.

As canções dos dançarinos de kalela têm, então, certas características. Primeiro, temos os elementos de autoelogio. Todos os dançarinos são jovens rapazes solteiros, com grande preocupação com a aparência pessoal. Suas canções são dirigidas particularmente às mulheres, e eles não se acanham em chamar-lhes a atenção, segundo seus desejos. Uma segunda característica é o reconhecimento da diversidade étnica das populações urbanas, a qual se apresenta de duas maneiras: 1. os dançarinos enfatizam as belezas de sua própria terra ou origem e exaltam as virtudes dela; e 2. a distinção em relação a outras línguas e outros costumes é enfatizada e satirizada.

Há, então, diversas características da kalela que poderiam ser o ponto de partida de uma análise sociológica: a mais significativa, a meu ver, é ser, essencialmente, uma dança tribal. Juntamente com suas canções, enfatiza a unidade dos Bisa contra todas as outras tribos do Cinturão do Cobre. Podemos esperar, em uma dança desse tipo, que alguma insígnia específica seja utilizada. Não é difícil observar que, em uma falange de guerreiros zulu magnificamente adornados com vestimentas tradicionais, brandindo suas zagaias e escudos, há uma evidente, e mesmo agressiva, demonstração de unidade tribal. Mas os dançarinos da kalela estão vestidos na mais elegante moda europeia e não há modo de diferenciar uma equipe de kalela Bemba ou Aushi de uma Bisa.

A elegância dos dançarinos é um tema recorrente e lhe é dada grande ênfase.²⁸ As canções não relatam as façanhas de um herói da cultura Bisa. Além de vagas referências à beleza da terra da nação Matupa, não há menção a plantações, suas colheitas, construção de cabanas, caça, pesca e outras atividades rurais que poderíamos associar a uma arcádia tribal. Em vez disso, as

²⁸ Ver, por exemplo, o relato de uma competição de kalela no *The African Roan Antelope* (v. II, p. 6, dez. 1953), em que as roupas elegantes dos dançarinos são, especificamente, observadas.

canções dizem respeito às situações familiares ao Cinturão do Cobre Bemba, os personagens são típicos da região e as cenas se dão em distritos das localidades. A língua usada é o Bemba da região do Cinturão, e palavras e frases kitchen-kaffir abundam. Elas são compostas nas cidades para o entretenimento das pessoas de lá, lidando com acontecimentos e lugares-comuns com os quais estão familiarizadas.

Em outras palavras, estamos diante de um aparente paradoxo. A dança é claramente tribal, com ênfase nas diferenças tribais, mas a língua e o idioma das canções e a vestimenta dos dançarinos são retirados de uma vivência urbana que tende a subjugar as diferenças. Acredito que esse aparente paradoxo possa ser resolvido se examinarmos a dança, sua origem e estrutura social.

A origem da dança

Meus informantes disseram que a dança chamada kalela era conhecida como mbeni. Tive seu início com um certo Kalulu, por volta de 1930, nas Ilhas Chishi, em Lake Bangweulu. Os habitantes da ilha são da tribo Ngumbo. Em 1939, Kalulu alistou-se no Regimento da Rodésia do Norte e obteve permissão de carregar seus tambores para, quando a situação permitisse, continuar suas danças. Formou um grupo de dançarinos, tendo ele próprio como líder. Um homem chamado Milion atuava como líder das danças em Chishi no período em que Kalulu esteve no Exército. Kalulu foi liberado em 1946 e rebatizou a dança de luwelela.²⁹ Não temos informação de quem a introduziu no Cinturão do Cobre,³⁰ mas, desde que houve aumento no movimento migratório para lá após a Segunda Guerra Mundial, é quase certo que tenha sido trazida

por membros da tribo Ngumbo, das Ilhas Chishi. Até onde posso concluir, chegou primeiro à mina de cobre Roan Antelope, de onde se espalhou para o resto do Cinturão do Cobre, em 1945, e, particularmente, para o conselho administrativo de Luanshya, em 1948. Aqui, foi chamada de kalela – dança de orgulho.

Mbeni

Visto que a kalela nasceu mbeni, temos de voltar à origem para traçar suas raízes. Infelizmente, há pouca documentação disponível sobre a mbeni. Durante meu trabalho de campo na Niasalândia,³¹ pude observá-la na cerimônia de iniciação de um garoto. Os atores eram um grupo de jovens – um tanto sujos e desleixados – que circulavam indiferentemente pela arena de dança seguindo um tambor caseiro. Um dos informantes mais velhos disse que a atuação pouco se assemelhava às danças *beni* representadas em Zomba, no início dos anos 1920. Disse-me que a palavra *beni*, como a dança é chamada na Niasalândia, é, de fato, uma corruptela da palavra inglesa *band* (em português, “banda”). Essa parece ser uma explicação razoável para a origem da palavra à luz da descrição da dança em si, pois, como veremos, uma característica essencial era a existência de uma falsa banda militar.³² Segundo meu informante:

³¹ Como antropólogo-assistente do Rhodes-Livingstone Institute entre os Yao, nos distritos de Liwonde e Fort Johnston.

³² Meu informante chamou a atenção para o fato de os tambores usados serem “europeus”, isto é, eram “de dupla face”, imitando o tambor militar. Isso, escavado e coberto, em um dos lados, por couro. Essa explicação da palavra *beni* e muitos dos detalhes descritos por meu informante são confirmados em uma nota sobre a dança, preparada pelo comissário-chefe de polícia de Zomba, Niasalândia, 1931. Ver Arquivo N3/23/2, nos Arquivos da África Central.

²⁹ Presumivelmente, do verbo bemba *ukuwela*: vaiar, apupar.

³⁰ Sabemos que a mbeni existia no Cinturão do Cobre em 1935. Não sabemos se desapareceu ou persistiu, sendo, subsequentemente, absorvida pela kalela.

Era uma dança limpa, pois todos vestiam boas roupas. Pessoas que chegavam sujas não podiam dançar. Sempre que chamados, traziam seus tambores e vestiam trajes como os de um rei. Quando chegavam ao pátio, onde a dança ocorria, mostravam-se esplêndidos. Também as mulheres estavam muito limpas. Dançavam lenta e suavemente, elas de um lado e os homens de outro; no amanhecer, pareciam tão limpos como se não tivessem dançado.

A figura central nas danças era aparentemente uma pessoa chamada de "o governador". Em geral, ficava de pé no centro do pátio, esplendidamente trajado, decorado com medalhas empilhadas. Os outros dançarinos circulavam a seu redor, seguindo o percussionista que imprimia o ritmo em uma falsa bateria. Atrás dele, enfileiravam-se os dançarinos em um pretenso estilo militar. Primeiro, havia o major-general, seguido pelo tenente-general, um coronel, um tenente-coronel, um capitão, tenentes, oficiais sem patente e, finalmente, soldados rasos. Havia também um assistente. Os dançarinos usavam insígnias de chumbo moldadas, de acordo com sua posição na hierarquia. Aqueles que tinham postos fictícios usavam capacetes e apitos presos a cordões, e alguns, cintos Sam Browne.³⁴

As relações no interior do grupo eram reguladas segundo a fictícia hierarquia militar. Dificuldades eram resolvidas pelo homem de nível imediatamente superior, e, se não se pudesse chegar a um acordo, consultavam-se as autoridades, até o "governador" lidar com o caso.

O testemunho de Goodall à Comissão Russell (Northern Rhodesia Government, 1935, p. 77) apóia a ideia de que a dança mbeni surgiu pouco depois da Primeira Guerra Mundial (Jones,

33 Assim me foi informado. Ele parece desinformado da inversão de hierarquia.

34 Meu informante comentou que alguns foram processados pelo roubo de cintos Sam Browne.

1945, p. 180-8).³⁵ Ele menciona sua existência em Dar-es-Salaam em 1919. Tornou-se objeto de interesse oficial durante os conflitos de 1935, embora seja difícil determinar qual o papel exercido pela equipe mbeni e se realmente participavam ou não. Está claro que oficiais do governo suspeitavam da participação de dançarinos mbeni e parece que, na falta de uma organização mais estável, na qual líderes africanos pudessem falar à população, os líderes grevistas podem ter pedido aos líderes dos dançarinos que agissem como seus porta-vozes (Northern Rhodesia Government, 1935, p. 49).³⁶

O ponto importante que surge diante das evidências mostradas à Comissão é que a dança, na forma que conhecemos, ocorria no Cinturão do Cobre em 1935. Em que medida a mbeni caiu no obscurantismo por causa das suspeitas daquele ano, não posso precisar, mas parece que desapareceu do Cinturão (Brelsford, 1948, p. 19) até ressurgir na forma de kalela.

Prestígio e o "estilo de vida europeu"

Qualquer que seja a forma tomada pelas danças mbeni hoje,³⁷ é evidente que suas formas primitivas eram uma espécie de pan-

35 Depoimento tomado pela comissão designada para a investigação de distúrbios no Cinturão do Cobre, em 1935 (Northern Rhodesia Government, 1935). Na nota datada de 27 de julho de 1921, o comissário-chefe de política na Niasalândia registrou que essas danças se desenvolveram na África germânica antes da Primeira Guerra Mundial e que os "oficiais" levavam títulos germânicos como *kaiser*, *kaiserin*, *hauptmann* etc. (pasta N3/23/2 dos Arquivos da África Central). A descrição de Jones (1945, p. 180-8) da dança mnganda corresponde exatamente à mbeni. Ele diz que foi uma imitação da parada militar surgida na África Oriental durante a Primeira Guerra Mundial e introduzida na Rodésia do Norte pelos Tonga de Lakeside.

36 A Comissão Russell descobriu que alguns líderes da sociedade Mbeni sabiam dos distúrbios, mas que, como um corpo, não era subversiva.

37 Jones (1945), por exemplo, menciona uma representação monótona de uma dança similar na área rural de Fort Johnston.

tomina da estrutura social da comunidade europeia local. Meu informante Yao descrevia a mbeni em Zomba durante os anos 1920, quando esta era, predominantemente, uma cidade fortificada. O governador e a milícia apresentavam aos africanos uma estrutura social formal, cuja característica principal era a rígida hierarquia e um conjunto de uniformes diferenciados indicando a posição social de cada pessoa. A pantomima na mbeni, então, representava a estrutura social como os africanos a viam. Deve-se notar que, nos anos 1920, os africanos não eram admitidos pela população europeia de Zomba como iguais e não tinham oportunidade de apreciar o padrão social em sua comunidade local exceto por meio da hierarquia militar,³⁸ dos uniformes e das cerimônias públicas.³⁹ O interesse pela mbeni, então, parece ter sido a participação de africanos nas relações sociais das quais estavam, normalmente, excluídos. Evidências que mostram não ser essa uma manifestação local vêm de Goodall, que afirma que os primitivos dançarinos mbeni em Tanganika, na realidade, branqueavam suas faces (Northern Rhodesia Government, 1935, p.77). A tentativa de atravessar barreiras intranponíveis é, particularmente, uma característica de movimentos nativos, como o culto da carga (Barber, 1946, p.663-9). Dífere, porém, por não haver evidência de os dançarinos acreditarem que, reproduzindo as características externas da cultura à qual aspiravam,

38 Africanos eram admitidos no Exército como soldados rasos e oficiais não patenteados, e, é claro, compreendiam o sistema de hierarquia militar.

39 Uma divertida variação disso, relatada por E. Tikili, assistente de pesquisa sênior do corpo de assistentes do Rhodes-Livingstone Institute, é que os Tonga de Lakeside, que têm sua própria versão da mbeni, chamada *mali-penga*, vestem *kilis* quando dançam em Bulawayo. Os primeiros europeus a viverem na nação dos Tonga foram os escoceses de Livingstonia. Van Velsen, do Escritório de Pesquisa do Rhodes-Livingstone Institute, que atualmente faz trabalho de campo entre os Tonga de Lakeside, descreveu a malipenga em Chitche. Nesse lugar, não havia *kilis*, mas Van Velsen descreve a dança como se assemelhando a uma "gincana", na qual a característica dominante é o elegante vestido europeu dos participantes.

alcançariam automaticamente seus desejos. Sua participação na estrutura social "europeia" era substitutiva: a aspiração era satisfeita apenas na fantasia.

Deve-se abordar o fato de a dança fornecer um excelente meio de expressar a hostilidade em relação ao grupo dominante por meio da sátira e de ser essa a satisfação principal para participantes e espectadores. Não posso dados de que realmente era assim. Meu informante Yao não sugeriu isso, e, certamente, na kalela de hoje, não há sinal de nenhuma sátira ao comportamento europeu.⁴⁰

Tudo o que sobra da mbeni na moderna kalela é a vestimenta de trajes europeus e poucas personalidades, o "rei", o "doutor", a "irmã-enfermeira". Poderia ser argumentado, talvez, que, a partir do momento em que todos os africanos da Rodésia do Norte se vestem "à europeia", os dançarinos deveriam usar outro tipo de traje. Porém, a característica marcante de ambas é a grande ênfase colocada nos trajes "corretos". Para meu informante Yao, essa era a característica mais importante da dança. Ao descrever a dança nganda, Jones (1945, p.180) afirma: "Então vieram os oficiais, vestidos em trajes europeus, muito elegantes, e brandindo bastões de maneira cavalheiresca". É altamente significativo que o mascote do regimento nganda era "uma daquelas cabeças de bronze usadas como anúncio, creio eu, dos colares van Heusen, coroados com um chapéu" (ibidem). Na kalela, também há uma grande ênfase no vestir imaculado. A ele, os dançarinos referem-se nas canções; a "irmã-enfermeira" leva-lhes um espelho para verificar sua aparência. Um correspondente africano, ao escrever

40 Deve-se notar que, sob o Regulamento dos Municípios (Controle dos Nativos) (capítulo 120 das Leis da Rodésia do Norte, seção 7), ninguém pode organizar qualquer dança "destinada a ridicularizar ou desrespeitar qualquer pessoa, religião ou autoridade devidamente constituída", nem fazer parte dela. Não creio que os dançarinos da kalela estão cientes desse regulamento.

um relatório sobre a dança para um jornal local, menciona, de uma maneira especial, a vestimenta.⁴¹

A ênfase dada aos trajes finos é uma característica geral da população urbana africana.⁴² Wilson (1942, p.18) a expressou assim: "Os africanos de Broken Hill não são vaqueiros, nem pastores, nem pescadores, nem lenhadores, eles são um povo vestido".⁴³ Wilson (1942, p.15) percebeu a razão dessa preocupação com a vestimenta no fato de as roupas serem o único item europeu de valor disponível, que dá aos africanos a aparência instantânea de um status civilizado. Esse autor abordou ainda outros possíveis indicadores deste status – moradia, ferramentas, mobília, comida –, mas concluiu que, por uma variedade de razões, eram irrelevantes em comparação com a vestimenta em Broken Hill, em 1939-1940.⁴⁴ Wilson (1942, p.15) percebeu claramente que "africanos podem apenas desejar o respeito e compartilhar o status civilizado e a nova riqueza dos europeus, cuja superioridade social está sempre diante deles".⁴⁵

41 Ver o *The African Roan Antelope* (v.II, dez. 1953).

42 Um jornal, *Lumtandanya* (v.II, n.1, 3 maio 1954), impresso para o corpo africano de assistentes da Corporação Nkana relata uma competição de trajes, vencida por um assistente de compras. O segundo colocado era um servente de hospital. Esse tipo de competição ocorria também em cidades da África do Sul. O professor Gluckman conta-me que julgou uma delas em estilo europeu, em uma tarde dançante em Pretória, em 1937. A maioria dos espectadores era de empregados domésticos. Quando ele escolheu o homem mais bem-vestido, outro competidor protestou, já que não havia examinado as roupas de baixo. Foi interpelado para que o fizesse.

43 O gasto em dinheiro, em itens outros, que não comida, entre os operários africanos da mina de Broken Hill em 1939-1940, era em roupas. Em uma amostra em Mutfltra e Chingola, em 1953, a porcentagem era de 40,6% (ver Nyirenda, 1956, Tabela 1).

44 Gussman (1952, p.57), ao descrever Bulawayo em 1950, apresenta um exemplo similar. Aponta que há poucas alternativas disponíveis aos africanos para investirem seus excedentes.

45 Muitos anos antes, Hunter (1936, p.437) fez a mesma observação em relação aos africanos de Londres oriental, na África do Sul: "Nas cidades, é elegante ser tão europeizado quanto possível. O status depende, largamente, da riqueza e educação, e isso se vincula à europeização".

Os comentários, aplicáveis à Broken Hill de 1939-1940, são válidos ao Cinturão do Cobre atual. Os europeus estão em posição de superioridade social, e os africanos aspiram à civilização, principal característica e pré-requisito do grupo socialmente superior.⁴⁶

O estilo de vida fornece, então, uma escala segundo a qual o prestígio dos africanos em áreas urbanas (e, de modo crescente, nas áreas rurais) pode ser medido. No topo da escala, estão profissionais do baixo escalão, funcionários administrativos e comerciantes bem-sucedidos, que se vestem meticulosamente, possuem mobília europeia nas suas residências, falam inglês entre si, leem os jornais locais destinados ao público europeu, comem comida típica europeia e preferem a música ocidental à tradicional e cerveja engarrafada à fermentada. Na base, estão os trabalhadores não especializados de todos os tipos, cujo padrão de vida pouco difere dos aldeões, que não possuem mobília, comem comida tradicional, não sabem inglês e são incultos. Entre os dois tipos, alinham-se os "colarinhos-brancos" de baixo escalão, supervisores e trabalhadores manuais especializados, variando internamente na capacidade de adquirir aquilo que acreditam ser "um estilo de vida civilizado".

Um estudo de hierarquia ocupacional confirma essa visão de prestígio na comunidade urbana africana.⁴⁷ Os entrevistados classificaram 31 ocupações em uma escala de 1 a 5. Subsequentemente, quando as avaliações foram convertidas num ranking simplificado, os trabalhadores profissionais ocuparam o primeiro lugar, seguidos pelos de "colarinho-branco", por trabalhadores especializados, supervisores e, finalmente, pelos não especializa-

46 Os africanos expressam suas aspirações nesses termos. Uma das principais atrações da cidade é a oportunidade de "adquirir civilização" (*ukhwala shifilishoni*). Little (1948, 1955) diz o mesmo dos Mende de Serra Leoa.

47 Dirigido a 653 estudantes e professores em Lusaka, por A. L. Epstein e por mim.

dos.⁴⁸ As respostas a uma questão aberta tornam patente o fato de que as ocupações relacionadas aos europeus, mas que alguns africanos conseguiram desempenhar, angariavam um alto prestígio e que, em geral, aquelas que requiriam altas qualificações profissionais eram classificadas no topo. Isso era verdade mesmo para um grupo de estudantes que treinava para ser artesão.

O uso africano do estilo de vida europeu como um padrão por meio do qual se mede o prestígio pode, então, ser visto como um tipo de referência do comportamento grupal (Merton; Lazarsfeld, 1950; Mitchell, 1955). Os dançarinos mbeni exibiam esse estilo e copiavam os mais óbvios e visíveis símbolos de prestígio. A conexão entre mbeni e kalela é preservada no uso da vestimenta como um único símbolo. Os dançarinos da kalela não usam mais o uniforme militar, mas as roupas elegantes dos homens de negócios e profissionais europeus: os africanos, geralmente, aceitaram os padrões desses homens como aqueles aos quais eles mesmos aspiram. Os símbolos possibilitaram o menos tangível, embora idealizado, estilo de vida civilizado. O mecanismo é o mesmo, mas os símbolos de hoje são diferentes.

É significativo notar que nenhum dos dançarinos da kalela é profissional ou “colarinho-branco”. Três são alfaiates, e os demais são trabalhadores não especializados. Para uma equipe de dançarinos que está em ocupações de baixo escalão, vestir roupas elegantes no estilo europeu é particularmente importante. Aqueles que, em virtude de sua posição na comunidade, detêm pouco prestígio na vida cotidiana vestem, aos domingos, os símbolos e as marcas aparentes de hierarquia, e exibem-nos aos espectadores admirados no pátio de dança.

O estilo de vida europeu tornou-se de tal modo parte da vida nas áreas urbanas que os próprios europeus saíram do primeiro plano. Dançarinos de kalela não procuram participação fictícia

na sociedade europeia, mas nos níveis superiores da sociedade africana, da qual, pela falta de qualificação, estão excluídos. O sistema de prestígio nas áreas urbanas, então, utiliza “civilização” ou o “estilo de vida europeu” como padrão a ser seguido. Para ganhar respeito em tal sistema, o africano precisa ser educado e ocupar uma posição da qual derive bastante prestígio, recebendo um salário suficiente para permitir a compra de vestimentas e outros símbolos de prestígio. A população urbana da África é estratificada de acordo com essa escala.

Tudo leva a crer que, à medida que a África se estratificar, os laços no interior de cada estrato atravessarão diferenças étnicas e, eventualmente, as sobrepujarão. Por exemplo, escreve McCall (1955, p.158): “[...] a formação de classe anuncia a morte do tribalismo no ambiente urbano. As marcas de classe são independentes das marcas da filiação tribal; classes compreendem pessoas de várias tribos”. Essa formulação é muito geral para ser aceita sem reservas. Nosso interesse na “classe” relaciona-se à sua interferência na interação social, e não temos de especificar as situações em que isso ocorre. Parece que a “classe” pode afetá-las de dois modos. Em primeiro lugar, pode operar como categoria de prestígio, daí que uma pessoa pode comportar-se diferentemente daquelas que acredita estarem acima ou abaixo de sua “classe”, ou seja, sua posição na escala de prestígio. Em segundo lugar, pode formar a base sobre a qual grupos corporados são recrutados. Muitos sociólogos têm demonstrado, ultimamente, que devemos distinguir entre “classe” como uma categoria de indivíduos que, simplesmente, compartilham a mesma posição no *continuum* de prestígio e “classe” como um grupo de pessoas predominantemente da mesma posição nesse *continuum* que age corporativamente em situações políticas.⁴⁹

48 Uma tabela com esses resultados está reproduzida no Apêndice I.

49 A distinção foi feita de maneira clara por Cox (1945). Ver também Barnes (1945b), Lenski (1952), Goldschmidt (1953), Pflautz (1953) e Little (1955). Esses autores encontraram o mesmo problema na discussão da situação em Serra Leoa.

Se pesar o fato de "classe" ser uma categoria social, certamente alguns trabalhadores manuais expressarão hostilidade em relação a trabalhadores não manuais, mas eu hesitaria em deduzir que estes constituem uma "classe" oposta àqueles. Escriturários, seguranças de minas e outros africanos intimamente ligados aos funcionários europeus estão em uma posição peculiar: representam os africanos perante os europeus e vice-versa.⁵⁰

Frequentemente, africanos que não mantêm contato com os europeus tendem a vê-los, juntamente com os policiais das minas e funcionários africanos, como aliados dos europeus. Soubemos que, durante os distúrbios no Cinturão do Cobre, em 1935, policiais das minas, anciãos de tribos e alguns dos funcionários se refugiaram com os funcionários europeus nos escritórios. Em seu depoimento à Comissão Russell (Northern Rhodesia Government, 1935, p.879), uma das testemunhas africanas afirmou:

As pessoas estavam zangadas com a polícia das minas pelo fato de esta ter dito que não tinha simpatia por elas e por nada ter feito quando foi pedido um salário mais alto. Não só isso, mas aquilo que deveria ter feito quando brigavam, disseram, não era aliar-se aos europeus e aos askari; deveria ter ficado com o povo.

Assim, quando um operador de escavadeira disse, em seu depoimento à Comissão Russell, que "os funcionários têm muito poder e o administrador escura qualquer coisa que digam", sinto que estava expressando sua hostilidade não à classe de funcionários que ocupa uma posição de relativo prestígio, mas àqueles

que eram o principal ponto de contato com a administração. Em outras palavras, o que aparentemente é uma oposição entre "classes" no sistema de prestígio pode, de fato, ser parte de aspectos da oposição geral entre brancos e negros.

A questão é dificultada pelo fato de os dados referentes às cidades da Rodésia do Norte assegurarem que, frequentemente, categorias de classe e tribal coincidem. Por exemplo, McCulloch (1956, p.67) escreve: "Havia indícios de que as ocupações mais especializadas e bem pagas estavam sendo desempenhadas por grupos de tribos específicas ou grupos de tribos. Havia uma tendência, em outras palavras, de a classe econômica corresponder ao grupo tribal". Circunstâncias específicas, sem dúvida, levaram a essa coincidência. A predominância, até recentemente, de africanos da Barotselândia e Niasalândia entre os funcionários na Rodésia do Norte deve estar relacionada ao fato de missionários terem iniciado um trabalho nessas áreas mais cedo que em outras. Independentemente de quais sejam as causas, quando se trata de análise sociológica, o fato empírico é que prestígio e categorias tendem a coincidir. Por meio dos depoimentos tomados pela Comissão Russell, por exemplo, há referências à hostilidade entre os Bemba e Niasa, mas a predominância de Niasa em postos clericais e de supervisão não nos autoriza a afirmar que essa hostilidade tem raízes nas diferenças de "classe" ou "tribais".

Há diversos grupos corporativos que recrutaram seus membros entre africanos em níveis específicos do sistema de prestígio. Alguns deles, como a equipe de kalela, recrutam em uma base tanto tribal quanto de classe: seus membros são todos Bisa nas posições mais baixas da hierarquia. É possível, embora eu não tenha dados para afirmá-lo, que certos cultos religiosos recrutem seus membros de todas as tribos apenas nos níveis mais baixos do sistema de prestígio.

O fato de os membros de certos grupos corporativos, como o de kalela, serem recrutados em níveis específicos desse sistema é interessante, e tentamos entender por que isso ocorria assim.

50 Sugeri o termo intercalário para descrever aquelas posições ocupadas por pessoas que ligam partes opostas num sistema de autoridade. Gluckman et al. (1949) chamaram atenção para o conflito de papéis de uma pessoa ocupando um status intercalário, em seus comentários sobre a posição de um diretor de escola. Epstein (1956) analisou o significado de posições intercalárias no sistema de relações políticas nas cidades.

Entretanto, a posição social não é sua *raison d'être*: eles existem para servir a outros interesses. Até onde sei, africanos nos níveis mais baixos da hierarquia nunca se organizaram em oposição aos que estão no topo. Ocasionalmente, entretanto, alguns grupos surgiram com o objetivo de levar adiante seus interesses vis-à-vis aos europeus. São exemplos as antigas sociedades de "bem-estar" que recrutavam seus membros entre a intelligentsia (Coulter, 1933, p.86), independentemente de sua origem tribal. Essas sociedades, embora compostas basicamente de africanos nos níveis superiores do sistema de prestígio, foram formadas com o intuito de melhorar as condições dos africanos que vivem em cidades, sem levar em conta sua filiação tribal ou de classe. Era inevitável que adotassem um ponto de vista político. No decorrer do tempo, uniram-se e formaram o Congresso Nacional Africano que recruta seus membros em todos os níveis e tribos.

Os africanos, como um todo, representam uma grande classe política, e os europeus, outra. Nessa situação, os "colarinhos-brancos" tornaram-se os líderes políticos africanos porque falam inglês e podem levar suas queixas e demandas facilmente entendidas pelos europeus. Mas a classe dos "colarinhos-brancos", nesse contexto, representa os africanos como um todo e não se opõe aos trabalhadores manuais.⁵¹ McCulloch (1956, p.50) ressalta que, em Livingstone, "[...] há uma luta pela liderança na cidade entre a elite Lozi e um número de 'forasteiros', indivíduos selecionados em termos de riqueza, educação e ocupação". Porcionalmente, havia mais trabalhadores especializados entre os "forasteiros"⁵² do que entre os Lozi, mas existiam também menos trabalhadores não especializados em ambos os grupos do

51 Esse ponto também foi abordado por Hunter (1936, p.45) com relação aos africanos de uma cidade da África do Sul: "A clivagem entre os Bantu e os europeus aumenta a solidariedade Bantu (e europeia) e sobrepõe-se às diferenças econômicas dentro da própria comunidade Bantu".

52 Basicamente das províncias ao norte e leste da Rodésia do Norte.

que entre outros grupos étnicos (ibidem, Tabela 23). Em outras palavras, a luta por poder político não se dava entre trabalhadores especializados e não especializados ou manuais e não manuais, mas entre amplos grupos étnicos dentro de um mesmo extrato socioeconômico.

Como classe política, os africanos do Cinturão do Cobre não se dividem nem por filiação tribal nem por filiação socioeconômica, já que ambas afetam as relações cotidianas desse povo. As evidências que possuo sugerem que a filiação tribal é, de longe, a mais importante.

Tribalismo nas cidades

A "moderna" vestimenta dos dançarinos da kalela pode, então, ser associada à importância do "estilo de vida europeu" e ao seu papel na estratificação da população africana no Cinturão do Cobre. Deve-se lembrar que os dançarinos da equipe de Luke Mulumba eram recrutados em estratos relativamente inferiores do sistema e, por uma mobilidade ascendente fictícia, orgulhavam-se do vestuário que podiam usar: calças bem-passadas, camisas impecavelmente limpas e sapatos bem engraxados.

A equipe, entretanto, não era selecionada apenas por pertencerem aos estratos inferiores, mas também por fazerem parte exclusivamente da tribo Bisa. De fato, essa equipe foi formada para cantar louvores ao povo Bisa em geral, ao mesmo tempo diferenciando-se das outras tribos do Cinturão do Cobre. Só será possível observar esse segundo elemento na kalela quando examinarmos o papel do tribalismo na interação social dos africanos nas áreas urbanas.

Mesmo num nível de observação superficial, o significado do tribalismo nas relações cotidianas na região é visível. Sua manifestação mais cristalina está nas lutas tribais que ocorrem de tempos em tempos. Spearpoint (1937, p.16-8) registra, por

exemplo, como um homem da área de Kasai, no Congo Belga, choca-se com sua bicicleta com dois homens Bemba e como os membros dos dois grupos rapidamente alinham-se a seus companheiros e iniciam a luta.⁵³ Lutas tribais não são mais corriqueiras no Cinturão do Cobre, mas a oposição entre tribos pode ser observada em diversas ocasiões. Os Tumbuka, por exemplo, ameaçaram abandonar a organização Free Church (literalmente, Igreja Livre) no Cinturão do Cobre, em 1952, porque o serviço religioso era conduzido por um Bemba; os Bisa, de Luanshya, acionaram várias vezes o comissário do distrito com o propósito de colocarem um assistente Bisa no tribunal. O assistente de pesquisa do Rhodes-Livingstone Institute, D. Chansa, relata, em um estudo não publicado sobre o hábito de beber cerveja, que 88% dos 130 homens da amostra disseram que escolhem seus companheiros de bebida entre os de sua tribo. Em 1940, em Broken Hill, Wilson (1942) constatou que “grupos de comensais tinham constituição tribal, embora não exclusivamente”.

Na Rodésia do Sul, a unidade tribal dos africanos urbanos é expressa em sociedades funerárias.⁵⁴ Seus membros contríbem mensalmente com, digamos, dois xelins e seis centavos, e, em troca, têm direito à assistência social e financeira, se não tiverem recursos, e também a benefícios em caso de ficarem em dificuldades econômicas. É difícil avaliar até que ponto essas sociedades englobam todas as tribos encontradas nas cidades da Rodésia do Sul. Em seu relatório anual, terminado em junho de 1955, o diretor da administração nativa de Salisbury afirma que quinze dessas sociedades haviam informado sua composição (p.45, parágrafo 195). Quantas outras deixaram de fazê-lo,

53 Ver também depoimento à Comissão Russell (Northern Rhodesia Government, 1935).

54 O paralelo com as sociedades de amigos que se desenvolveram entre as classes operárias urbanas na Inglaterra durante a Revolução Industrial é notável (cf. Hammond; Hammond, 1947, p.227-8).

não sabemos. Certamente, há mais de quinze tribos representadas em Salisbury. Na Rodésia do Norte, em contraste, parece haver muito menos sociedades tribais em atividade, exceto em Livingstone (McCulloch, 1956, p.8).⁵⁵ Parece que somente os Lozi mantiveram alguma associação tribal. Há indícios de que a associação denominada “Filhos da Barotselândia” teria operado com sucesso de 1951 a 1952 no Cinturão do Cobre. Em novembro de 1954, o jornal da corporação Rhokana, direcionado aos funcionários africanos, Lunrandanya, relatou que a Sociedade Nacional Barotse havia realizado um show em Nkana. Chansa, em seu estudo sobre o hábito de beber cerveja, descobriu clubes de bebida em Lusaka, organizados segundo linhas tribais. Uma Sociedade de Bebidas Cobre foi formada por um grupo de homens cultos Ngoni, que gastavam, em todos os finais de semana, sua contribuição ao clube em cerveja. Um clube de bebida Kaonde tinha o mesmo objetivo e era encabeçado por um “rei” e outros oficiais, de forma muito semelhante à equipe Kalela. Outras sociedades tribais certamente existiram no passado, e novas estão sendo constantemente criadas. Em agosto de 1954, por exemplo, o jornal African Roan Antelope relatou que o povo Nyakyusa organizara uma espécie de luau: “Eles, agora, estão unidos e entendem-se uns com os outros”. Em setembro do mesmo ano, os Nyakyusa, em Kitwe, formaram uma sociedade tribal. No entanto, na Rodésia do Norte, essas sociedades são raras e rapidamente desaparecem. Já na Rodésia do Sul, elas se tornaram parte da estrutura social urbana.

Como não é muito simples apresentar uma explicação para essa diferença entre norte e sul, somos tentados a procurá-la no fato de as cidades sulinas terem mais população interiorana. Além disso, como as populações urbanas são, no todo, mais isoladas de sua origem rural, com a qual poderiam contar em épocas de

55 McCulloch (1956) relata que, em Livingstone, em 1953, havia aproximadamente 27 associações tribais.

difficuldade, a necessidade de sociedades de amigos é maior. O fato de os Lozi e Nyakyusa, dois povos relativamente distantes, terem associações tribais no Cinturão do Cobre sugere que possa haver algum motivo nisso tudo. Porém, africanos da Rodésia do Sul são preponderantes em cidades sulistas, e as associações tribais mais ativas, como a Sociedade de Ajuda Matabeland, em Bulawayo, e a Sociedade de Ajuda Mashonaland, em Salisbury, são representantes de tribos mais próximas.

É possível também que grupos de dança tribal no Cinturão do Cobre funcionem como sociedades de amigos, embora eu não tenha constatado isso no trabalho de campo, nem perguntado aos meus informantes. O senhor C. M. N. White chamou-me a atenção para o fato de que os dançarinos da nyakasanga, que são das tribos Luvale, Luchazi e Chokwe, formam uma sociedade de assistência. Segundo White: "Eles contribuem para a ajuda a membros em dificuldades e pagam a passagem de volta à área rural, alguns artigos para que o membro destituído leve consigo em seu retorno, e o caixão, assegurando ao membro moribundo um funeral adequado".⁵⁶ O quão ordinário é esse tipo de sociedade, não sei dizer. Em seu depoimento à Comissão Russell (Northern Rhodesia Government (1935, p.457), W. J. Scrivenor expôs que a sociedade Mbeni, no Congo, "parecia ser uma sociedade de previdência, dando dinheiro para as pessoas em dificuldade e providenciando funerais e coisas do tipo".

O chefe Bemba Munkonge, em depoimento à mesma comissão, disse que "o povo Mbeni não se ajuda" (ibidem, p.128).⁵⁷ Nenhum Mbeni que depôs à comissão mencionou as sociedades de amigos como parte dos deveres de seu povo. É possível que só as equipes de dança das tribos mais distantes considerem necessário executar esses deveres.

56 Em uma carta a mim dirigida.

57 Grupos de dança tribal da África Ocidental, entretanto, agem como "sociedades de amigos" (cf. Banton, 1953a, 1954).

Outra diferença entre as duas Rodésias que pode ser significativa é que, até onde sei, não há tribos *joking* (zombeteiras) na parte sul. No norte, elas se encarregam de muitas tarefas de um funeral que, nas áreas rurais, seriam executadas por parentes de determinado clã, assunto que abordarei mais adiante. Na falta de acordo recíproco, é fácil observar que outros, formalizados, devem existir para dar conta das responsabilidades, sendo as sociedades funerárias o caminho natural.

A importância das associações tribais nas cidades do sul, em oposição às do norte, está, sem dúvida, relacionada à evolução destas últimas. Ainda não posso informar que me permitam desenvolver esse ponto, mas parece-me que a existência de anciãos tribais na cidades mineradoras da Rodésia do Norte, desde os primórdios da exploração, deve ter influenciado profundamente o desenvolvimento das associações tribais. Os anciãos sempre serviram como um foco do sentimento tribal e têm sido reconhecidos, oficialmente, como representantes da tribo: organizam eventos para divertir seus chefes e dignitários de outras tribos, o luto na morte de chefes (como os representantes dos Lunda do leste fizeram em Luanshya quando Mwata Kazembe morreu) e as tarefas necessárias durante o funeral, e, sobretudo, recebem recém-chegados das áreas rurais e lhes dão hospitalidade até que possam se familiarizar com o ambiente urbano.⁵⁸

Nesse contexto, um dado merece destaque: os sentimentos tribais são reforçados pelas situações sociais específicas desenvolvidas em cidades recém-criadas. A área rural, de onde as minas de cobre "tiram" sua força de trabalho, é extensa. Somente na Rodésia do Norte, listam-se 27 grupos "tribais" distintos. Se os mais perto de Angola, Congo, Tanganika, Niasalândia, Moçambi-

58 Muitos anciãos que depuseram na Comissão Russell mencionaram suas tarefas e responsabilidades para com seus companheiros de tribo recém-chegados. É interessante notar que as tarefas do chefe da tribo em Freetown (Serra Leoa) eram quase idênticas (cf. Banton, 1954).

que, Rodésia do Sul e Bechuanalândia forem incluídos, o número de grupos tribais dos quais saem trabalhadores para o Cinturão do Cobre soma algumas centenas, mas a região também “tira” sua força de trabalho, predominantemente, de certas áreas locais (Mitchell, 1954b). A Tabela 1 apresenta a distribuição tribal de homens adultos e grupos étnicos no distrito administrativo de Luanshya, em 1951.

Tabela 1 – Distribuição tribal

Bemba, Aushi, bisa, Lunda do leste etc.	34,2%
Lamba, Lala, Swaka, Lima etc.	24,5%
Nsenga, Chewa, Yao, Kunda etc.	16,5%
Kaonde, Lunda do oeste, Luchazi etc.	9,8%
Lenje, Tonga Mazabuka, Toka etc.	5,6%
Ngoni	4,0%
Mambwe, Nyamwanga, Tumbuka	2,6%
Lozi	2,2%
Outros	0,6%
Total	100%

Não há padrão de distribuição espacial entre as tribos do local. Há uma longa lista de espera para casas, tanto que, assim que uma delas é desocupada, logo é habitada pelo próximo homem da lista. As tribos, então, espalham-se por todo o espaço.⁵⁹ Há considerável movimento de pessoas que entram nos distritos da região e saem deles. Isso se deve, em parte, ao fato de a mão de obra africana ser largamente migratória e, em parte, ao fato de as casas serem alugadas do conselho administrativo pelos empregadores. Então, o operário africano tem de mudar

de residência toda vez que muda de emprego. O resultado é que a composição dos distritos está constantemente mudando e há pouca chance de se desenvolver uma estrutura comunitária definitiva em qualquer parte.

É numa situação como essa, em que vizinhos estão constantemente mudando e pessoas das mais variadas tribos se juntam, que a distinção entre povos se torna evidente. Tal diferenciação mostra-se de várias maneiras. A mais importante, sem dúvida, é a língua, mas a vestimenta, os hábitos alimentares, a música e as danças fornecem indicadores ou símbolos de pertencimento étnico. Isso significa que a classificação por tribo permite a um africano que viva em uma localidade onde os contatos devem ser, por necessidade, superficiais classificar qualquer outro africano em uma categoria, “definir a situação” e permitir a adoção de um tipo de comportamento particular em relação a ele.

Distância tribal

A habilidade em classificar uma pessoa em uma categoria específica pressupõe, é claro, algum conhecimento sobre ela – língua, vestimenta, hábitos alimentares e todas as suas características culturais. As pessoas, geralmente, conhecem algo sobre seus vizinhos tribais, sua língua e características gerais de sua cultura. Assim, além da similaridade cultural que pode unir pessoas em uma área urbana, a familiaridade, em uma situação na qual há tantos desconhecidos, pode unir pessoas que, nas áreas rurais, tinham certa hostilidade mútua. Há dois princípios que servem como classificadores das relações entre membros de tribos distintas em uma área urbana: similaridade cultural e familiaridade. Na Rodésia do Norte, existem poucas fronteiras culturais bem demarcadas – as culturas tendem a misturar-se umas nas outras em toda a região. Os dois princípios se superpõem na prática.

59 Há uma tendência para que os quartos, na parte dos solteiros, sejam ocupados por quatro ou seis homens de um mesmo grupo étnico. Wilson (1942, p. 75), em 1940, relatou que, em Broken Hill, companheiros de tribos têm por hábito se agrupar em cabanas adjacentes. Não sei se isso ainda é verdade.

Fiquei impressionado com o significado do tribalismo durante o trabalho de campo, mas senti a necessidade de complementar meus dados com material quantitativo. Consequentemente, uma colega, a senhoria J. Longton, e eu tentamos obter informações adicionais sobre tribalismo como categoria social por meio da adaptação da “escala de distância social” elaborada por Bogardus (1933).⁶⁰ Depois de um extensivo trabalho preliminar, Bogardus selecionou sete situações sociais típicas que, segundo o critério adotado, representavam os estágios da distância ou proximidade social: 1. casaria, 2. teria como amigo, 3. trabalharia no escritório, 4. teria várias famílias na vizinhança, 5. teria como conhecidos as pessoas com quem fala, 6. moraria fora da vizinhança e 7. moraria fora do país. Bogardus, então, pediu a seus entrevistados que respondessem às perguntas sobre essas situações sociais relacionadas a diversos grupos étnicos, ocupacionais etc.

Seguimos sua proposta. Depois de algum debate com os assistentes de pesquisa africanos do Rhodes-Livingstone Institute, decidimos, com base na experiência social geral na África Central, que as seguintes situações representariam estágios no estabelecimento da distância social, mais ou menos equivalente aos usados por Bogardus:

- Aceitaria parentesco por casamento.
- Dividiria uma refeição com outra pessoa.
- Trabalharia com ela.
- Moraria na mesma cidade dessa pessoa.
- Permitiria que ela fixasse residência na minha área tribal.
- Permitiria como visitante na minha área tribal.
- Excluiria essa pessoa de minha área tribal.

Selecionamos 21 tribos, 19 das quais são as mais importantes da Rodésia do Norte, uma da Rodésia do Sul e outra do Sudão.

Elas foram escolhidas de tal modo que pelo menos uma representava os maiores grupos tribais da Rodésia do Norte:

- Povos matrilineares do norte: Bemba, Bisa e Anshi.
- Povos matrilineares do oeste: Chokwe, Kaonde, Lovale, Luchazi e Mwinilunga.
- Povos matrilineares do centro: Ila, Lenje, Soli e Tonga do distrito de Mazabuka.
- Povos matrilineares do leste: Chewa e Nsenga.
- Povos patrilineares do norte: Mambwe, Nyamwanga e Tumbuka.
- Povos patrilineares do sul: Ndebele e Ngoni.
- Povo bilateral: Lozi.
- Sudão: Zande.

O grupo do Sudão, os Zande, foi incluído como *joker* (zombeteiro). Cuidamos para que nenhum dos entrevistados tivesse tido contato com eles para que pudéssemos ser capazes de julgar reações a pessoas desconhecidas.

Formulamos, então, em forma de questionário, cada uma das situações em relação a cada tribo. Por exemplo: “Você concordaria em dividir uma refeição com um Bisa?” ou “Você concordaria em se casar com uma Lozi?”. Listamos aleatoriamente 147 perguntas assim elaboradas. Os entrevistados tinham de responder “sim”, “não” ou “não sei” e indicar a intensidade do sentimento de acordo com uma escala de 1 a 3.

O grupo de entrevistados escolhido para a experiência era composto de 329 estudantes de uma escola secundária local. Consideramos a amostra altamente seletiva, mas foi necessário usar um grupo alfabetizado, pela própria natureza do teste. Consideramos válidos nossos resultados porque foram comparáveis com aqueles obtidos na situação de campo.

Quando a tabela de respostas foi feita, ficou óbvio que a ordem das situações utilizadas tinha, de fato, sido insatisfatória. Em vez dessa, consideramos que a ordem correta deveria ser:

60 Num *paper* sobre distância social em uma escola secundária, na 9ª Conferência de Pesquisadores do Rhodes-Livingstone Institute, em março de 1955.

- Admitiria parentesco por meio de casamento.
- Permitiria fixar residência na mesma área tribal.
- Permitiria viver próximo na mesma área tribal.
- Dividiria uma refeição.
- Trabalharia com a pessoa.
- Permitiria como visitante.

Tabela 2 – Porcentagem de entrevistados dos povos matrilineares do norte, de acordo com os graus de proximidade social entre tribos*

	A	B	C	D	E	F	%
Bemba	89	94	90	96	95	99	93,7
Bisa	82	94	93	96	98	96	93,0
Mambwe	81	88	90	94	94	95	90,2
Ushi	75	83	86	90	95	93	86,8
Nsenga	74	77	89	89	89	99	85,9
Ngoni	58	83	85	94	85	94	82,9
Nyamwanga	71	78	88	81	91	88	82,7
Lenje	50	73	84	90	88	96	79,7
Tumbuka	53	74	79	88	88	91	76,3
Ndebele	69	57	70	90	80	81	74,2
Chewa	53	65	73	89	80	85	73,8
Soli	40	72	70	77	81	88	70,8
Kaonde	40	68	65	80	79	90	69,8
Tonga	32	61	60	80	86	86	67,4
Ha	32	56	53	68	85	89	63,1
Lozi	23	53	63	74	78	84	61,9
Lunda	22	52	53	63	79	88	58,7
Luchazi	10	50	45	31	56	69	42,9
Chokwe	10	44	41	32	57	76	42,6
Zande	15	27	45	56	46	64	41,7
Lovale	11	43	35	33	58	72	41,3

* Essa tabela substitui uma versão errônea publicada em edições anteriores.

- A = Admitiria parentesco por meio de casamento.
 B = Permitiria fixar residência na mesma área tribal.
 C = Permitiria viver próximo na mesma área tribal.
 D = Dividiria uma refeição.
 E = Trabalharia com a pessoa.
 F = Permitiria como visitante.

A última categoria – “excluíria” – mostrou-se precária, provavelmente por causa da dificuldade semântica envolvida na resposta positiva a uma questão colocada de forma negativa. A nova ordem de situações apresenta um problema interessante que apontaremos

adiante. Por enquanto, precisamos relatar as investigações preliminares, cujos seis itens formam uma possível escala Gutman.⁶¹ Apenas os resultados preliminares do estudo estão disponíveis; os 329 questionários foram classificados pelos grupos étnicos dos entrevistados. Usando a média ponderada do percentual dos que responderam “sim” para várias tribos, podemos ordená-las em termos de distância social para cada um dos grupos étnicos. A Tabela 2 mostra os resultados do ponto de vista dos povos matrilineares do norte. Podemos reordená-la agrupando as tribos segundo similaridades culturais mais abrangentes, como no Quadro 2. A tendência geral é visível.

Quadro 2 – Tribos dispostas de acordo com a distância social dos povos matrilineares do norte

	Matrilineares do norte	Patrilineares do norte	Matrilineares do leste	Patrilineares do sul	Matrilineares do centro	Bilaterais	Matrilineares do oeste
1	Bemba						
2	Bisa	Mambwe					
3	Aushi						
4		Nyamwanga	Nsenga				
5							
6							
7							
8							
9		Tumbuka					
10							
11			Chewa				
12							
13							
14							
15							
16							
17							
18							
19							
20							

O grupo testado composto de matrilineares do norte foi tomado da seguinte forma: Bemba, 36; Lamba, 10; Lungu, 8; Lala, 6; Bisa, 5; Chishinga, 4; Lunda do leste, 4; Senga, 4; Ngumbo, 3; Tabwa, 3; Aushi, 2; Swaka, 1; Luano, 1. Total = 87.

61 Índices de reprodução estendem-se de 0,91 a 0,95 para diferentes grupos étnicos. Sobre seu significado, ver Stouffer et al. (1950).

Os povos patrilineares do norte são aceitos mais prontamente, seguidos dos matrilineares do leste, matrilineares do sul, matrilineares do centro, Lozi e, finalmente, matrilineares do oeste, os menos aceitos. Essa tabela apresenta uma característica interessante: dentro de qualquer grupo étnico, as tribos organizam-se de acordo com a distância de seu local de residência em relação aos povos matrilineares do norte. Entre os patrilineares do norte, os Mambwe, por exemplo, vivem em contato íntimo com a tribo mais representativa dos povos matrilineares do norte, os Bemba. Próximos, na ordem de distância social e física, estão os Nyanwananga e Tumbuka. Os Kaonde fornecem um exemplo particularmente interessante. Do ponto de vista cultural, estão entre os Lunda e os Bemba, e também se situam, geograficamente, em uma posição intermediária, o que se reflete claramente na hierarquia, em que a distância entre os Kaonde e os povos matrilineares do norte é muito menor do que qualquer outro grupo matrilinear do oeste.

O padrão de distância social de outros grupos étnicos não surge tão claramente quanto o dos povos matrilineares do norte, mas é possível constatar, em geral, as mesmas características aparecem.⁶² Se considerarmos o padrão que emerge das respostas dos povos matrilineares do norte, constatamos que os outros povos patrilineares são colocados mais perto deles. A seguir, re-mos os povos matrilineares do norte. No seu interior, a ordem é Bemba, Bisa e Aushi, tanto relativa à distância geográfica quanto à dessemelhança cultural em comparação com os patrilineares do norte. Próximos na lista, estão os matrilineares do leste, seguidos pelos matrilineares do centro e, finalmente, pelos Lozi e matrilineares do oeste. A correlação entre distância social e geográfica é interrompida no caso dos matrilineares do centro, pois os Soli, que vivem a sudeste da cidade de Lusaka, colocam-se um pouco abaixo dos Tonga e Ila, ligeiramente mais distantes.

O padrão para os matrilineares do centro é similar, mas há anomalias interessantes: os Ngoni e Ndebele estão em uma posição bem elevada, e os Kaonde ocupam uma posição muito acima dos matrilineares do oeste. Grande parte dos matrilineares do centro era Tonga e Ila, que eram atacados pelos Ndebele em busca de gado em fins do século XIX (Colson, 1951, p.100). É provável que os Ndebele e Ngoni, intimamente associados, ainda tragam consigo as glórias de seus antepassados guerreiros. Já mencionei que os Kaonde são um grupo culturalmente intermediário entre os Lunda do distrito de Mwinilunga para o oeste e os Lamba, um dos povos semelhante aos Bemba, para o leste. Ao sul, tendem a se assemelhar aos Ila do distrito de Namwala, e é provável que os entrevistados estejam reagindo a esse estereótipo.

Os matrilineares do leste também fornecem uma anomalia interessante: os Ngoni e Ndebele colocam-se na categoria mais próxima, contudo os primeiros estão acima tanto dos Chewa quanto dos Nsenga. Os Ngoni foram para o distrito do leste e estabeleceram um Estado no qual subjugaram tribos, colocando-as em posição de inferioridade. Creio que os conquistadores Ngoni ainda tenham um prestígio considerável entre muitos de seus antigos inferiores, e mesmo os povos matrilineares do leste são incorporados à estrutura social de Fort Jameson (Barnes, 1951b, 1954a). Após esse grupo, seguem os matrilineares do norte e aqueles do centro geograficamente mais próximos. Os do leste são suficientemente próximos à Niasalândia do norte para saberem que os Tumbuka, como eles, foram integrados ao Estado Ngoni. Considero, portanto, que eles olham os Tumbuka como outro tipo de Ngoni. Os Mambwe e Nyanwananga, entretanto, parecem ser considerados parte da massa de fala Bemba. A ordem correta, do ponto de vista dos matrilineares do leste, é, depois destes, Ngoni, Bemba e matrilineares do centro e do oeste. Devemos procurar uma explicação para essa anomalia de se colocarem os Bemba acima dos matrilineares do centro no

62. Ver quadros no Apêndice II.

sistema de relações de zombaria (*joking*) entre algumas tribos na Rodésia do Norte, ponto ao qual retornarei mais tarde.

Há um terceiro fator relacionado ao estabelecimento da distância social entre as tribos. Até então, sugeri dois fatos inter-relacionados: distância geográfica e similaridade cultural. No interior do grupo matrilinear do norte, em todas as hierarquias tribais, os Bemba são colocados na posição mais alta, e os Aushi, na mais baixa. Os Kaonde e Lunda ocupam posição acima de outros povos matrilineares do oeste, os Soli, o mais baixo dentre os matrilineares do centro. Os matrilineares do oeste estão sempre na base, exceto na bilateral e na sua própria. Em outras palavras, algumas tribos adquiriram reputação favorável, e outras, desfavorável, o que afetou a posição delas na escala de distância social, com exceção da similaridade cultural e familiaridade, em razão da proximidade das residências rurais.

É fácil explicar a reputação adquirida por essas tribos. A bravura militar dos Ngoni, Ndebele e Bemba, por exemplo, contribuiu de forma significativa para a alta posição ocupada em todas as escalas.⁶³ O fato de os Luchazi, Luvale e Chokwe aceitarem ocupações que os põem em contato com excremento humano favoreceu, sem dúvida, a posição na base da escala. Muitas informações são insuficientes para explicar por que esses grupos têm tal reputação, o que indica a necessidade de trabalho de campo mais amplo.

Anomalias em certas classificações são explicadas também por referência a contatos no passado. Um exemplo cristalino é fornecido pela classificação Lozi. Os Ndebele são colocados perto dos Lozi e largamente separados dos Ngoni, com os quais, em outras classificações, são intimamente associados. Essa explicação deve-se, sem dúvida, ao fato de os Ndebele terem guerreado contra os Lozi antes da chegada dos europeus, e estabelecido

para si a reputação que persistiu. Os Ngoni, por sua vez, nunca tiveram contato com os Lozi e são posicionados no mesmo nível que os distantes Mambwe. Creio também que a alta posição dos Ndebele e Ngoni, do ponto de vista dos matrilineares do centro, pode ser explicada na mesma base.

O ponto principal dessa experiência refere-se ao fato de que quanto mais distante um grupo de povos está de outro, social e geograficamente, maior a tendência a encará-los como uma categoria indiferenciada e colocá-los sob a rubrica geral, por exemplo, de "Bemba", "Ngoni", "Lozi" etc.⁶⁴ Nesse sentido, do ponto de vista do africano do Cinturão do Cobre, todas as tribos, que não as de sua área de residência, tendem a se reduzir a três ou quatro categorias, levando o nome de tribos que, por ocasião da chegada dos europeus, eram as mais poderosas e dominadoras da região.

Tribalismo e relações entre categorias

A tendência a reduzir a diversidade de tribos a poucas categorias é parte de um processo sociológico geral, devendo ser apreendido se quisermos entender as relações sociais entre africanos nas áreas urbanas.

Por esse processo, relações superficiais entre povos são determinadas por certas categorias principais dentro das quais não se reconhecem diferenças. Devemos examiná-lo mais de perto à luz dos depoimentos no Cinturão do Cobre, onde a maioria da população é composta de tribos matrilineares das províncias do norte e centro que têm em comum, entre outras coisas, um

63 Note, entretanto, que os Lozi, que também eram um povo militar, aparentemente não gozavam de tal reputação.

64 Ver depoimento de E. B. H. Goodall à Comissão Russell: "Creio ser uma boa

ideia inrretirar os comissários do fato de que o termo (Bemba) é largamente utilizado e cobre outras tribos como os Ushi (Aushi), Wisa e Luwunda (Lunda do leste)" (Northern Rhodesia Government, 1935, p.301).

sistema clânico. *A priori*, podemos deduzir que, em uma situação urbana, na qual muitos forasteiros são postos em contato, o sistema clânico, tão comum entre muitos deles, forneceria um mecanismo por meio do qual se inventaria uma ligação entre vizinhos. De fato, meus dados sugerem que não é isso que acontece. Um sinal disso surgiu claramente durante uma viagem de campo entre os Kaonde do distrito de Kasempa, na Rodésia do Norte.⁶⁵ Os Kaonde, como muitas outras tribos norte-rodésianas, organizam-se em clãs matrilineares exogâmicos. Entre eles, a regra da exogamia ainda é bastante forte; em Kasempa, durante uma curta viagem de campo, Watson e Van Velsen não encontraram casamentos entre pessoas com o mesmo nome clânico. Quando encontravam um desses casos, analisavam as circunstâncias em que o fato se dera, como um suposto casamento contraído no Cinturão do Cobre em que o casal não se preocupou em perguntar os nomes dos clãs. Descobriram que haviam cometido incesto somente quando retornaram para a área rural, onde o sistema de clãs é importante.

Outro incidente em Luanshya, em 1951, sustenta a ideia de que o sistema de clãs não surge como categoria significativa nas relações sociais no Cinturão do Cobre. Uma mulher Lenje, casada com um homem Bisa, morreu repentinamente. O nome clânico matrilinear dela era *chowa* (cogumelo). Normalmente, em áreas tribais, as obrigações do funeral deveriam ser executadas por membros do clã zombeteiro, isto é, o clã *chulu* (formigueiro). Como já mencionei, os mesmos nomes clânicos aparecem em grande parte das tribos predominantes no Cinturão do Cobre, e deveríamos esperar que membros do clã "formigueiro" entre os Lenje, Lamba, Lala, Swaka, Liwa, Bemba, Kaonde ou mesmo Bisa executassem as obrigações do funeral. Na realidade, foram os Yao que desempenharam esse papel. A explicação para esse

fato é que a tribo Yao, como um todo, encontra-se em uma relação zombeteira com os Bisa, a tribo do esposo. Os Lenje, até onde sei, não têm relações zombeteiras com outras tribos. Assim, nessa situação urbana, em que "tribo" é a categoria social predominante, era a zombeteira, do esposo, que vinha executar as obrigações do funeral.

Os dados sugerem que interações casuais entre africanos no Cinturão do Cobre, portanto, são essencialmente determinadas pelo pertencimento a uma tribo. Essa interação é um aspecto das relações categóricas que afloram em qualquer situação em que os contatos devem ser, necessariamente, rápidos e transitórios. Esse processo foi descrito em termos gerais por Shaler (1904):

No início de qualquer relacionamento, o outro é, inevitavelmente, tratado de modo categórico. Ele é tomado como membro do grupo, reconhecido por meio de poucos sinais convenientes; à medida que o relacionamento com uma certa pessoa se desenvolve, essa categoria tende a ser qualificada, e seus limites são estendidos até que desapareçam.

Hiller (1947, p. 643) expressa a mesma ideia:

A tendência categorizante economiza esforços nas relações sociais, pois fornece um plano para reciprocidades e mesmo para recusá-las. Esse é, especialmente, o caso ao lidar com estranhos. Classificar pessoas implica o seu conhecimento e o planejamento antecipado das relações.

Não é surpresa que a categoria significativa nas relações sociais cotidianas entre africanos no Cinturão do Cobre seja o "tribalismo". Há um fluxo constante de recém-chegados às cidades, oriundos dos distritos rurais, de onde a região alicia sua força de trabalho. Eles não são imediatamente absorvidos pelo sistema de prestígio que, possivelmente, forneceria um princípio alternativo de interação social. Em vez disso, a própria distinção étnica feita por eles, com a qual contavam nas áreas rurais, é imediatamente substituída pela multiplicidade de tribos com as quais são postos

65 Sou grato a W. Watson e J. van Velsen, que me relataram esse incidente.

em contato. A importância para eles é, então, exagerada, o que resulta na base sobre a qual agem com todos os estranhos.

Uma tribo, nas áreas rurais, é um grupo de pessoas unido em um único sistema político e social, compartilhando uma série de crenças e valores. Usamos a palavra "tribo" nesse sentido para denotar o grupo de pessoas ligadas em um dado sistema social. Entretanto, quando utilizamos o termo "tribalismo" em relação às áreas urbanas, não nos referimos à união de pessoas em uma estrutura padronizada, isto é, uma tribo, mas a uma subdivisão de pessoas em termos de seu sentimento de pertencimento a certas categorias, definidas segundo critérios étnicos.

Tribalismo no Cinturão do Cobre, então, refere-se a agrupamentos formados com base em amplas diferenças culturais. Há uma tendência entre os Bemba e outras tribos da província do norte a considerar os Chewa, Nsenga, Kunda e outros povos de província do leste, por exemplo, como "Ngoni", e todas as tribos da Niasalândia, embora sejam tão diversas quanto os Tumbuka e Lomwe, como "Nyasa". Da mesma maneira, as tribos da província do leste tendem a agrupar os Lungu, Tabwa, Lunda do leste, Bemba e outras tribos da província do norte em uma só categoria: "Bemba".

É evidente que não há correlação entre uma estrutura tribal e "tribalismo" (como uso essa palavra). A primeira é um sistema de relações sociais, e o segundo refere-se a uma categoria de interação dentro de um sistema mais amplo. Harlow (1955), ao que parece, falhou ao tentar distingui-los em um de seus poucos trabalhos publicados especificamente sobre o tribalismo: "Há bastante evidência para apoiar a ideia de que o tribalismo, na África, está em declínio". Então, descreve as mudanças em curso na estrutura social tribal. Mais adiante, afirma:

Sob a terrível pressão das técnicas e ideias ocidentais, os africanos, em muitos territórios, instintivamente cerram fileiras para sua autopreservação, e as únicas classes que conhecem são as da tribo. Daí a reafirmação agressiva da identidade tribal e do prestígio.

Como prova de que o tribalismo não está em declínio, Harlow cita os Chagga que, recentemente, elegeram um chefe supremo quando nunca tinham tido um. Mas uma pista importante está contida na frase: "Os Chagga conseguiram um porta-voz e o investiram de autoridade e prestígio para *falar com os europeus*" (ibidem, p. 19 – grifo nosso). Minha impressão é a de um povo antes frouxamente ligado e agora se unindo em oposição ao grupo externo de europeus. A identidade Chagga tornou-se uma categoria relevante de interação em um sistema social mais amplo que o da tribo. A estrutura interna da tribo pode, de fato, sofrer grandes mudanças e o sistema tribal pode sucumbir; mais ainda, é possível que um senso de unidade tribal seja evocado em oposição a um grupo externo.

O tribalismo dos Chagga, entretanto, é um fenômeno diferente daquele dos africanos do Cinturão do Cobre. Para os Chagga, o tribalismo é uma categoria política: o chefe representa o povo para as autoridades externas. No Cinturão do Cobre, o tribalismo é uma categoria na interação social cotidiana que fornece um mecanismo por meio do qual relações sociais com estranhos podem organizar-se segundo uma situação social fluida. Aqui, onde muitos homens de diversas tribos se concentram numa pequena área, os sindicatos, o Congresso Nacional Africano e as instituições similares operam no mesmo tipo de campo social que os Chagga e reúnem africanos, independentemente de sua origem tribal, em oposição aos europeus.

Tribalismo e administração urbana

O fato de o tribalismo, como categoria social, ser significativo na interação social entre africanos não pode ser apresentado mais claramente do que a história da representação tribal no Cinturão do Cobre. As companhias mineradoras perceberam rapidamente o significado do tribalismo como um fator nas relações sociais

e decidiram, em 1931, organizar um conselho de trabalhadores seguindo as linhas tribais. Spearpoint (1937), que criou o programa na época, era o chefe do departamento de pessoal⁶⁶ nas minas de cobre Roan Antelope e, felizmente, registrou as etapas de seu nascimento. Antes de 1931, a polícia do distrito “era insatisfatória como um meio de estabelecer contato entre autoridades e trabalhadores que moravam no distrito”. Spearpoint salienta que a polícia distrital não era imparcial no relato dos problemas ao chefe de pessoal quando ela própria estava envolvida.

Já que todos os operários perenciam a um mesmo grupo tribal, a solução foi fazer uso de tal fato. Assim, como ressaltou Spearpoint (1937, p.19),

[...] as várias tribos de nosso distrito foram abordadas com a gestão de terem representação num conselho de anciãos tribais escolhidos por eles mesmos para representar cada tribo, numa eleição organizada inteiramente por ela. A sugestão foi recebida com aplausos [...] As funções do conselho eram, primeiramente, reunir-se como um tribunal para julgar contendas menores, especialmente as relacionadas à lei e aos costumes tribais.

Além disso, o chefe de pessoal usava o conselho como um ponto de informação e contato com o povo. Esse conselho também funcionava como um comitê de operários (um sindicato) para que os trabalhadores tivessem acesso fácil às autoridades. Nesse contexto, surge um ponto de importância considerável. O fato de os representantes tribais, no passado, serem denominados “anciãos tribais” sugere que os trabalhadores africanos eram considerados membros de tribos, residentes temporariamente em cidades e cujas relações entre si eram regidas pelas categorias de interação social, de acordo com suas procedências rurais. Sen-

do assim, seria lógico concluir que um ancião tribal, por causa de sua posição na estrutura, teria autoridade e jurisdição sobre seus contrâneos. Ele seria, de fato, o líder e poderia comunicar suas dificuldades à administração. Se esse era, na realidade, o raciocínio existente por trás da implantação do sistema, não sabemos, mas acontecimentos subsequentes mostraram, como ressaltamos, que o pertencimento a uma tribo ou a um grupo étnico envolve diferentes tipos de relação social em situações diversas.

Podemos distinguir três dessas situações no Cinturão do Cobre, onde o pertencimento a uma tribo tem ou teve um significado para os africanos que habitavam as cidades. A primeira ocorre dentro de um lugar cuja população é “tirada” de muitas tribos diferentes. Entre os estranhos, haverá alguns que vieram da mesma localidade e outros do mesmo reino. Na medida em que esses homens têm o mesmo conjunto de crenças e a mesma experiência social, podem organizar suas relações na cidade com base em seus padrões comuns. Dessa forma, um ancião tribal que ocupou certa posição na estrutura serviria para resolver contendas entre os membros de sua tribo e assim enfatizar suas normas, já que os membros estão ligados por uma série de relações trazidas com eles de seu hábitat rural.

Quando se trata de relações com outras tribos, entretanto, o significado de ter dada origem tribal é um tanto diferente. Os habitantes das cidades revelam suas origens étnicas pela língua que falam e pelo seu estilo de vida, o que permite que membros de outros grupos tribais enquadrem imediatamente seus vizinhos e conhecidos nas categorias que determinam o tipo de comportamento assim exigido. Para os africanos do Cinturão do Cobre, “tribo” é a categoria primária de interação social, isto é, a primeira característica significativa à qual qualquer africano reage. Frequentemente, as relações nunca ultrapassam esse limite, e as tribos parecem ser todas indiferenciadas.

Uma terceira área em que o pertencimento tribal se tornou relevante foi como meio de aproximar-se da autoridade. O siste-

66 O chefe de pessoal era o oficial da mina responsável por recrutamento, abrigo, alimentação e bem-estar geral dos trabalhadores africanos. Recentemente, o escritório foi rebatizado de “Chefe de Pessoal Africano”.

ma de anciãos tribais expandiu-se das regiões mineradoras para as outras (não mineradoras), e o conselho dos anciãos serviu, por muitos anos, para apresentar os pontos de vista dos moradores africanos ao superintendente da localidade (Northern Rhodesia Government, 1935, p. 183).⁶⁷ Em 1947, quando o governo da Rodésia do Norte decidiu criar conselhos consultivos urbanos, que formariam o primeiro degrau de uma escada para a representação no conselho legislativo, foi inevitável que os conselhos de anciãos tribais, tanto nas localidades dos conselhos administrativos quanto nas minas, formassem um colégio eleitoral do qual alguns dos membros do conselho consultivo foram selecionados (Clay, 1949, p. 35; Heath, 1953, p. 127). Assim, transpareceu que pelo menos uma parte da população urbana africana estava sendo representada "tribalmente" no degrau mais baixo da estrutura política. A representação no conselho consultivo urbano foi revista pela ordem municipal de habitação de áreas urbanas, criada em 1954, e, então, implantou-se um sistema de bairros.

Ficou claro, entretanto, nesse ponto, que a representação tribal não mais atendia às necessidades da situação (Epstein, 1956). O processo subjacente a essa mudança pode, talvez, ser mais bem ilustrado com um histórico da posição dos anciãos tribais na estrutura administrativa das minas. Quando o conselho de anciãos foi criado, parte de sua atribuição era servir como uma comissão de trabalhadores por meio da qual podiam dirigir-se à administração das minas. Na Rodésia do Norte, os africanos ocupam geralmente os cargos de menor responsabilidade e remuneração mais baixa, o que era mais patente nas minas de cobre, no passado; todos os cargos administrativos eram ocupados por europeus. Era natural, portanto, que, do ponto de vista dos trabalhadores africanos, "europeu" e "administração" se

tornassem sinônimos. Aqui, o critério relevante era a cor. Para os trabalhadores africanos, todos os europeus se encontravam em uma única categoria: a administração, as missões e o governo estavam inextricavelmente ligados, porque eram operados e controlados por europeus. Os anciãos tribais, assim, em suas atribuições no comitê de trabalhadores e em suas negociações com o chefe de pessoal, atuavam em dois campos congruentes de relações sociais: representavam os interesses dos operários junto à administração e representavam os interesses dos africanos junto aos europeus. Nesses setores, o tribalismo parece irrelevante, e é interessante notar que, nas crises da indústria, os trabalhadores africanos sempre rejeitaram os anciãos tribais como líderes.⁶⁸

O fracasso do sistema de anciãos tribais em situações fora das localidades deve estar relacionado com a concepção errônea de que uma categoria de interação, importante em dado campo social, também o é em todos os outros, de que os anciãos tribais que atuam numa situação urbana industrial o fazem em termos da estrutura tribal e não da sua posição dentro da estrutura industrial e civil.

A história das relações industriais no Cinturão do Cobre mostrou-o claramente. O sindicato dos trabalhadores de minas africanos iniciou um movimento em favor da abolição do sistema de representação tribal, culminando com o envolvimento de um membro importante do sindicato numa tentativa de agressão a um representante tribal. Posteriormente, trabalhadores africanos, em uma votação (secreta), decidiram pela extinção do sistema (ibidem). Seria errôneo concluir que o voto dos mineiros favorável à abolição da representação tribal oficial fosse um indício do declínio da importância do tribalismo. Apenas mostra

67 Depoimento de Grimstvedt à Comissão Russell mostra que, em 1935, o sistema de anciãos tribais funcionava na localidade de Ndola (Northern Rhodesia Government, 1935).

68 Isso é descrito detalhadamente em Epstein (1956). É importante destacar que o sistema de governo por meio de líderes tribais, operando em Freetown (Serra Leoa) desde 1904, decaiu em 1932 (Banton, 1954).

que os operários africanos queriam que seus interesses fossem representados junto à direção por líderes que atuassem dentro de um conjunto de “valores industriais”. Tanto é assim que os representantes, agora eleitos para os conselhos consultivos urbanos, são, em sua maioria, jovens profissionais de “colarinho-branco” ou funcionários de escritório, muitos dos quais apoiando o Congresso Nacional Africano. Eles representam os interesses dos assalariados e habitantes da cidade e têm consciência disso.

O tribalismo ainda é uma categoria importante de interação social no campo das relações entre africanos, e esse campo existe simultaneamente com muitos outros. É altamente significativo que, embora o tribalismo possa ter desaparecido como categoria relevante nas relações administração-trabalhadores, dentro do sindicato dos mineiros a luta pelo poder parece ter sido travada em termos tribais. Isso ficou claro quando o secretário-geral, Simon Kaluwa, falante da língua Nyanja, foi exonerado pelo conselho supremo em 5 de julho de 1952. O presidente do sindicato, Lawrence Katilungu, é Bemba, e parece que o sindicato foi dividido nessas linhas tribais.⁶⁹

É significativo também que, em nenhuma parte da kalela, aparecem sentimentos de discriminação contra os brancos. Nas áreas urbanas, em particular, brancos e negros aproximam-se pela atividade produtiva, e é onde a hostilidade se expressa mais

69 O *Northern News* de 10 de julho de 1952 relata um protesto de africanos dos territórios portugueses e da Niasalândia contra uma “ditadura Bemba” assunto dirigido ao editor. O jornal traz diversas cartas sobre o leitor diz que não consegue entender por que outros africanos criticam a ditadura Bemba, uma vez que “está na natureza deste povo ser ditador”. Outra, datada de 2 de setembro do mesmo ano, de um homem com nome Lozi, diz: “Os Bemba não são a tribo mais famosa na Rodésia do Norte. Outras grandes tribos, como os Ngoni e Tonga, não reconhecem os Bemba como seus superiores e não entendem como os Wawemba podem ser chamados de ‘o povo mais famoso do país’. Dê uma olhada naquela tribo independente, os Mulozi, que tem um bom motivo para ser a mais famosa”.

livremente. Mas essas manifestações acontecem, principalmente, em situações políticas ou semipolíticas, por meio de organizações e instituições como as comissões consultivas urbanas, os conselhos representativos africanos, a assembleia legislativa, o sindicato dos trabalhadores de minas e o Congresso Nacional Africano.

Os africanos mais instruídos percebem que o tribalismo é divisivo e fazem, em contrapartida, apelos por “unidade”, a despeito de tais campanhas ocorrerem num contexto de relações entre brancos e negros: anseiam pela união africana contra os europeus. Com base nos dados que temos no momento, no Cinturão do Cobre, o tribalismo é ainda a categoria dominante de interação nos campos sociais em que apenas africanos estão envolvidos. Entretanto, não é uma categoria relevante no campo das relações entre brancos e negros.⁷⁰

As tribos zombeteiras das cidades

A kalela é dançada durante as horas de folga em uma área residencial. Os europeus, com exceção dos funcionários públicos, raramente são vistos ali.⁷¹ Aos domingos e feriados, os funcionários públicos europeus normalmente não estão presentes. Como vimos, é nessa situação, em que africanos interagem com africanos, que o tribalismo surge como uma categoria importante de

70 O *Northern News*, relatando o protesto descrito na nota anterior, ligou-o à campanha contra a Federação das Rodésias e Niasalândia, então sendo desfechada por certos líderes. É significativo que o próprio Kaluwa, escrevendo, ao *Northern Star* (19 de julho de 1952), tenha declarado que, até onde se trata da questão antifederação, não há divisão em termos tribais. A oposição à Federação, do ponto de vista africano, é claro, envolvia as relações entre europeus e africanos.

71 A seção 143 dos “Regulamentos urbanos” (cap. 120 das Leis da Rodésia do Norte) diz que nenhuma pessoa pode vagar ou estar em uma localidade sem uma desculpa plausível ou permissão do superintendente da área.

intercâmbio social. Aqui, onde assuntos políticos são postos de lado momentaneamente, os dançarinos expressam sua união de dança. Eles veem seus espectadores como membros da arena número limitado de grupos tribais mais amplos e a eles dirigem suas canções gozadoras.

A kalela é uma dentre muitas situações possíveis em que o tribalismo funciona como uma categoria de interação. Já mencionei outras situações nas quais ele se tornou importante, como nos combates tribais, na luta pelo poder dentro de um sindicato etc. Se levarmos em conta a grande importância do tribalismo na vida dos africanos da cidade, de origens diversas, é de se admirar que não surja, nas situações urbanas, maior quantidade de conflitos tribais. Um estudo completo desse problema requer um trabalho muito mais intensivo do que pude realizar. Entretanto, dos dados que pude coletar, parece que, ao menos no Cinturão do Cobre, um mecanismo possível para o controle das hostilidades intertribais encontra-se na relação zombeteira institucionalizada.

A coexistência, nas áreas industriais, de conflitos tribais tradicionais e uma associação pacífica e circunstancial suscitam um problema sociológico interessante. Sabemos que, no final do século passado, a Rodésia do Norte e a Niasalândia eram povoadas por uma grande quantidade de grupos tribais pequenos, relativamente fracos, sobre os quais algumas tribos mais poderosas e organizadas, como os Lozi, Ngoni, Bemba, Lunda do oeste e mais uma ou duas, tinham estabelecido algum tipo de dominação. Entre elas, havia uma hostilidade considerável, e é possível que, se os ingleses não tivessem chegado, tivesse ocorrido um embate de forças. Na verdade, quando a companhia britânica da África do Sul começou a administrar o território, sua primeira tarefa foi suprimir o confronto intertribal e o comércio de escravos com o qual estava intimamente ligado.

O resultado disso foi que o embate de forças nunca se estabeleceu claramente. Pelo contrário, os membros dessas tribos

ocuparam casas vizinhas ou trabalharam lado a lado nos mesmos grupos de seus antigos inimigos. Além disso, os chefes europeus recebiam instruções para evitar a hostilidade declarada dentro dos grupos de trabalho sob seu comando. Ficou claro que os membros das diferentes tribos tinham que cooperar com seus inimigos de outrora não apenas por causa do papel comum dentro do processo de produção, mas também porque, na situação industrial, encontravam-se ligados em oposição aos seus patrões europeus.

É exatamente nessa situação, como Radcliffe-Brown (1940, p.46) menciona, que as relações zombeteiras, que criam uma aliança tanto entre clãs ou tribos quanto entre parentes por casamento, são modos de organizar um sistema estável de comportamento social, no qual componentes conjuntivos e disjuntivos são mantidos e combinados.

Scrivenor chamou atenção para a existência de relações zombeteiras entre tribos de Tanganika num trabalho escrito em 1937, e Moreau forneceu alguns detalhes interessantes em 1941. Há diversas características no trabalho de Moreau que são particularmente interessantes em vista do material sobre o Cinturão do Cobre. O primeiro ponto mostra que as relações zombeteiras entre tribos surgiram onde, no passado, havia guerras tribais. Ele menciona que os Ngoni, famosos por suas características guerreiras, tinham relações zombeteiras com mais tribos do que qualquer outra e cita um informante que conta como determinada tribo não foi aceita em uma dessas relações porque não tinha havido confronto entre elas. Moreau (1941, p.2) prossegue:

Ao mesmo tempo que tenho a impressão de que [a zombaria] ainda é uma força viva de grande importância, não há dúvida de que ela está sendo constantemente enfraquecida por uma combinação de influências modernas, especialmente em distritos onde muitas tribos distintas estão em contato diário. Cai, inevitavelmente, em desuso pela impossibilidade física de segui-la. No todo, talvez seja

mais seguro considerar os costumes descritos neste trabalho como pertencentes à geração passada do que àquela que surge agora.

Três pontos, no entanto, sugerem uma interpretação diferente. O primeiro não é explicitamente mencionado, mas podemos concluir com base nos casos por ele citados, coletados para seu trabalho não em áreas rurais mas em centros administrativos, onde estavam reunidas tribos cujos caminhos nunca se tinham cruzado. O segundo e o terceiro pontos são levantados, explicitamente, pelo próprio Moreau: todos os exemplos citados foram coletados de homens com menos de 45 anos de idade, e não parece haver termo vernacular para as relações tribais zombeteiras. Em vez disso, todas as tribos usavam a palavra Swahili *ulani*, que pode ter sido derivada da palavra árabe *watan*, que quer dizer "morar em". Em suma, as relações zombeteiras são uma força viva importante entre tribos que, antigamente, viviam em guerra entre si. E um termo Swahili foi usado por todas elas para descrever a relação — fato, aliás, que surpreendeu Moreau. O material que serviu de base para o estudo parece ter sido coletado junto a homens relativamente jovens em situações extratribais. Tais fatos sugerem que as relações zombeteiras entre tribos são um fenômeno relativamente recente.

Os homens mais velhos, aparentemente, não se interessaram muito, mas os trabalhadores mais jovens nos centros administrativos, juntamente com seus antigos inimigos, mostraram bastante interesse e usaram uma palavra da língua franca para nomear as relações nessa nova situação. A forte suspeita é, portanto, de que as relações zombeteiras passaram a existir principalmente depois que se instituíram o governo e as leis europeias e que, na realidade, eram mais viáveis em distritos onde a paz foi imposta a membros de tribos anteriormente hostis. Em outras palavras, onde um "modo de organizar um sistema estável de comportamento social no qual componentes disjuntivos e conjuntivos tinham necessariamente que ser mantidos e associados" (Mo-

reau, 1941, p. 10).⁷² É possível que, em razão do crescimento das cidades, o declínio das relações zombeteiras, como Moreau pres-supõe, não seja, na verdade, uma observação empírica, mas uma dedução baseada na concepção errônea de que são tradicionais e, portanto, antagônicas às situações urbanas modernas.

Na Rodésia do Norte e na Niasalândia, as relações existem entre certas categorias de parentes, clãs e tribos. Nas tribos a leste do Rio Luangwa, não parece haver clãs zombeteiros. Entretanto, tais relações existem entre certos membros da família, como primos cruzados, netos e avós, e entre parte de uma família ou de uma aldeia e alguns indivíduos que executaram os rituais funerários para eles. Entre os Chewa e Nyanja, é conferido a esses indivíduos o status de semiparentesco e são chamados de netos por esta parte da aldeia ou da família (Marwick, 1956b, cap. IV).⁷³ Entre os Yao, há o mesmo tipo de relação, mas é chamada de *awilo*, um termo descritivo, não de parentesco (Mitchell, 1951, p. 339). Também entre os Yao, um antigo líder do vilarejo pode ter realizado o funeral em lugar de um certo chefe de tribo.⁷⁴ A relação zombeteira é, assim, herdada por meio da sucessão posicional e perpetuada, mas não as institucionalizadas entre clãs, nos quais qualquer membro pode zombar com um outro, oposto.

⁷² No entanto, Moreau cita o caso dos Kami, que tinham de atravessar o país Doe para chegar à costa. Os Doe, por sua vez, estavam sujeitos a fomes periódicas e poderiam facilmente adquirir comida dos Kami. Com implementação do esforço mútuo para as obrigações funerárias, estes serviços poderiam se tornar uma relação zombeteira. Moreau, entretanto, observa que as relações zombeteiras entre estas tribos tinham relativamente pouca importância.

⁷³ Prefiro esse ponto de vista ao apresentado por Pretorius (1949) e Bruwer (1951), em que os parentes são requeridos para se exercerem as obrigações funerárias. Por causa de seu significado na relação, Tew (1951) sugere a expressão "amizade funeral". Colson (1953b) discute a importância central dessas obrigações na relação.

⁷⁴ Uma pessoa "comum" não pode exercer essas obrigações para o chefe, somente alguém de igual status.

As relações zombeterias parecem estar restritas ao oeste do Rio Luangwa (Richardson, 1937; Stefaniszyn, 1950, 1951). Entre essas tribos, essas relações ocorrem com determinadas categorias de parentesco, como entre os habitantes do leste do Luangwa, porém cada clã reconhece pelo menos um outro como zombeteiro. A relação entre eles é normalmente explicada por um mito ou frases rituais (chavões) baseadas em seus nomes, nas quais a oposição ou hostilidade dos objetos a que os nomes se referem é enfatizada. A provocação é sempre expressa na linguagem do mito. Por exemplo, os clãs do crocodilo e do peixe são zombeteiros. Um homem do clã do crocodilo pode dizer a um do clã do peixe: "Você é minha comida", ao que o segundo pode responder: "Você não vive sem mim!".⁷⁵

Entre os povos a oeste do Luangwa, esse tipo de zombaria tem um nome próprio: o termo Bemba é *bunungwe*. Entre eles, a relação está institucionalizada: os funerais são feitos por meio dela. Entre os povos do leste do Luangwa, em contrapartida, ela surge das obrigações funerárias que são, por sua vez, chamadas por termos de parentesco ou descritivos.⁷⁶ Tanto num caso como no outro, as relações devem ser entendidas como uma extensão do sistema de parentesco por meio do qual estranhos são trazidos para dentro de uma relação especial, pois cumprem as obrigações funerárias que os parentes não podem executar.

Colson (1951) faz uma observação acerca da operação da relação zombeteira entre os Tonga do planalto que tem seme-

⁷⁵ Sobre os Lamba, afirma Doke (1931, p.197): "É provável que, originalmente, alguns desses clãs fossem violentamente opostos, embora hoje essa oposição seja limitada a zombarias". Esse autor lista alguns típicos opostos e cita algumas das frases utilizadas. Stefaniszyn (1950, 1951) fornece uma extensa lista.

⁷⁶ Assim, os Ngoni explicam as relações zombeteiras com os Bemba pelo fato de, tendo sido inimigos, eles terem tomado posse dos cadáveres uns dos outros e, em decorrência, deveriam exercer as obrigações do funeral (Bruwer, 1951, p.31).

Ihança com o sistema de relações sociais no Cinturão do Cobre. Colson assinala que o vínculo ao clã zombeteiro não pode ser estabelecido por meio de pai, mãe ou esposa. Se esse não for o caso, o clã oferecerá as condições necessárias para que o homem possa atuar em lugares além dos arredores, já que é perigoso ser um estranho em qualquer parte. A semelhança entre o modo como as relações zombeteiras funcionam aqui e o modo como funcionam entre as tribos zombeteiras no Cinturão do Cobre se revela. No Cinturão, há diversas tribos que estabelecem esse tipo de relação entre si. Pode registrar episódios em que ela ocorria entre as seguintes tribos: Bemba e Ngoni, Lozi e Tonga/Ila, Lozi e Ndebele, Yao e Bisa.

Os Lamba, Swaka, Lala, Lenje, Soli, Sala, Chokwe, Lunda do oeste e muitas outras tribos menores não parecem entrar em relações zombeteiras.

Antes de continuar a ilustrar o tipo de situação na qual a relação é utilizada, devo voltar a um ponto que teve origem no estudo sobre distância tribal. As classificações tribais na lista das tribos zombeteiras citadas são, realmente, categorias muito mais abrangentes do que é sugerido. Esse ponto pode ser bem ilustrado por um incidente acontecido em Lusaka. Um falante de Bemba cultivava cenouras perto de sua casa em um dos distritos africanos. Um dia, os filhos de seu vizinho desenterraram-nas e começaram a comê-las. Quando o falante de Bemba reclamou com o vizinho sobre o comportamento das crianças, este, que falava Nyanja, deixou claro que estava tratando o incidente como parte de uma relação zombeteira entre Bembas e Ngonis. Acontece que o falante de Bemba era um Lungu da área do chefe Mukupa, e o falante de Myanja, um Chewa. Essas tribos não têm relações zombeteiras entre si. Assim, foram capazes de racionalizar sua relação e evitaram o conflito invocando a zombaria entre os Bemba e Ngoni.

Esse tipo de relação ocorre em muitas situações. A senhorita Richardson notou, em Kitwe, que as mulheres Bemba que par-

ticipavam de um ritual de passagem para a puberdade de uma menina preferiram cantar em frente às cabanas dos Nsenga que moravam naquela parte do distrito, até que eles lhes dessem algum dinheiro de presente. Mas é especialmente quando estão bebendo que as relações zombeteiras entre tribos ocorrem. Um homem pode, por exemplo, apropriar-se de uma caneca de cerveja de outro que pertence à sua tribo zombeteira e esperar que o mesmo aconteça com ele em circunstâncias semelhantes.

Um acontecimento parecido foi registrado por um assistente de pesquisa africano do Instituto Rhodes-Livingstone, um Ngoni, o senhor M. B. Lukhero:

Numa tarde de domingo, em março de 1955, passei por um festival de bebida no distrito. Entre os que bebiam estavam duas Ndebele que moravam num distrito vizinho. Pouco depois, uma Lozi veio sentar-se ao lado delas. Cumprimentei-as em meu precário tê-la tomado, pedi ao vendedor que trouxesse outra caneca, que dei a elas. A Lozi ficou calada durante todo o tempo. Tirei do bolso o dinheiro para pagar a caneca de cerveja que me tinha sido oferecida e passei-o à mulher Lozi. Achei que ela o passaria ao vendedor, mas ela o pôs no bolso e disse sorrindo, em Lozi: "Um estranho perdeu seu dinheiro!". Fiquei surpreso, mas a Ndebele explicou-me que isso acontecia por causa da relação zombeteira entre elas e a Lozi. Disse à Lozi que não era um Ndebele, mas um Ngoni do Fort Jameson e que queria meu dinheiro de volta. Ela levantou-se e pediu uma caneca de cerveja, pagando-a com o dinheiro que me havia tirado. Sentou-se e começou a tomar a cerveja, dizendo: "Vocês são todos ladrões de gado e deveriam agradecer a Deus por não termos afogado a todos no Zambezi". Quando aprofundi minha investigação, a Lozi disse que a relação zombeteira existia entre os Lozi, Ngoni e Ndebele porque todos tinham a mesma origem zulu.

A relação zombeteira não só evita o conflito aberto entre tribos hostis nas áreas urbanas, como também fornece a base de uma cooperação ativa, o que é claramente demonstrado nos

funerais que fazem umas para as outras. Apresentei, anteriormente, um exemplo no qual os Yao fizeram o funeral da esposa de um Bisa, mas há ocasiões em que essas relações servem de base para a cooperação. Exemplo disso foi quando um conhecido e respeitado Ngoni morreu em Luanshya. Foi o ancião tribal Bemba que começou uma coleta de fundos para ajudar a viúva e seus dependentes.

Esse tipo de relação não é aceito por unanimidade nas áreas urbanas. Algumas das zombarias chegam aos tribunais. O caso apresentado a seguir foi ouvido pela corte urbana de Lusaka em novembro de 1953.⁷⁷ Uma Lozi queixou-se de que um Ila a havia agredido no açougue:

Fui ao açougue comprar carne no sábado de manhã e o Ila estava no balcão. Quando já havia comprado a carne e estava de saída, ele veio até mim e começou a mexer comigo. Começou a tocar nas costas em volta de minha cintura e apalpar meus seios. Tentei impedi-lo, mas ele continuou. Então, xingou-me e fiquei irritada. Disse-lhe que era casada e que não gostava de zombarias daquele tipo. Disse-lhe que seria chamado ao tribunal.

A mulher ainda ressaltou que era fiel ao marido e, apesar de ele não ter gostado da atitude de levar o homem à justiça, por causa da relação zombeteira entre as tribos, ela havia decidido fazê-lo porque achava que, se não o fizesse, ele suspenharia de adultério com outros Ila.

O consutor Lozi no tribunal, que era o presidente da corte, disse que sabia haver relações zombeteiras entre ambas as tribos, mas que, nesse caso, tinha sido conduzida de maneira errada e grosseira. Para ele, tal atitude não estava correta, o homem não deveria ter tocado em público nas costas da mulher. Perguntou, então, ao Ila se ele não concordava com esse ponto de vista. O Ila mencionou que, se o incidente tivesse ocorrido em particular, teria

⁷⁷ Agradeço a M. B. Lukhero, mais uma vez, por ter registrado o caso.

sido o mesmo que adúlterio, mas, já que foi feito "às claras", só poderia ter sido zombaria. As partes foram dispensadas, enquanto os consultores discutiam o caso. Estes não chegaram a um consenso. A relação zombeteira entre os Lozi e Ila não era questionada, o que estava em julgamento era se tocar as contas de uma mulher em público poderia ser aceito como um comportamento zombeteiro apropriado. A discordância era entre o assessor Lozi e os outros. O consultor Lozi sustentava que tal comportamento era incorreto, enquanto os outros estavam dispostos a aceitá-lo. Por fim, a opinião do assessor prevaleceu e as partes foram novamente chamadas. Ao fazer o julgamento, o assessor disse:

Todos sabemos que, antes de os europeus chegarem, diversas tribos tinham muitos hábitos grosseiros, alguns dos quais desapareceram. Em minha opinião, essa relação zombeteira é um desses hábitos. Usar linguagem chula ao dirigir-se a uma mulher e tocar suas contas em público seria considerado um crime grave e presença de seu marido. Por esse motivo, a mulher receberá uma indenização de vinte xelins e oitenta dines, e a corte, cinco xelins pela função desempenhada.

O Ila pagou a quantia. Um parente dele levantou-se e disse à corte: "Temos observado com interesse a maneira como esse caso vem sendo conduzido. Mas fica decidido que, de agora em diante, nenhum Lozi irá mexer com nenhum Ila, especialmente no açougue e em festivais de cerveja, onde isso acontece frequentemente". Um consultor, representante dos Ila e Tonga na corte, declarou que era a primeira vez que um caso tinha tido um desfecho daqueles desde que estava ali. Mencionou diversos outros casos denunciados por Ila ou Tonga contra os Lozi, mas que tinham sido recusados por causa da relação zombeteira. O fato de os casos serem levados ao tribunal mostra que esse tipo de relação não é aceito por todos os moradores da cidade. No julgamento descrito, a existência da relação foi admitida pelo "réu" e aceita pela corte. Em sua conclusão, o assessor Lozi disse achar que tal costume

deveria ser repudiado, mas ficou claro que expressava sua própria opinião, já que os outros consultores não concordaram.

A principal questão, nesse caso, foi o tipo de comportamento aceitável dentro da relação zombeteira entre tribos, e as cortes fazem seu julgamento. Mas um ponto levantado no processo está relacionado com a afirmação de Moreau (1941) de que a relação zombeteira está em declínio na cidade. Isso depende das situações especiais em que pode ser invocada. O parente do Ila mencionou duas situações em que a zombaria é mais provável de ocorrer: em meio à multidão, do lado de fora do açougue e nos festivais de bebida. É utilizada, principalmente, em situações casuais de intercâmbio social, em que a interação não ocorre dentro de uma estrutura social bem definida. É altamente significativa, nos termos de minha interpretação do papel do tribalismo nas áreas urbanas, que não se observa a relação zombeteira entre companheiros de trabalho na indústria ou entre os chefes de uma organização, como o sindicato. Nem toda situação social, como Moreau parece acreditar, a evoca.

A situação na qual a kalela acontece tem algumas de suas características. Por exemplo, uma das estrofes de uma canção kalela diz o seguinte:

Ah! Como estão tristes os Nsengai!
Têm havido alguns rumores difamatórios
Nunca ouvidos antes.
O que ouvi?
A Nsenga dormiu com o quê?
Me diga, você que ouviu.
Ela dormiu com um cão.
Eu deveria negá-lo por causa dos Nsenga.
As pessoas os estão difamando.
Mas ontem desejei uma mulher Nsenga.
Por que ela me rejeitou?
Implorei a ela, mas ela recusou completamente,
Dizendo que eu não sabia "transar".

Disse que a ensinaria,
Ela recusou ineitramente.
Como você pode levantar falso dos Nsenga?
Dizendo que eles copularam com um cachorro?
Se eles recusam seres humanos,
Como podem aceitar um cão – um animal?
Podem concordar com isso?
Você está é implicando.
Vou mandar meu cachorro para a Nsenga.
Aquela que me recusou irá então consentir.

Pelo que sei, os Nsenga nunca tomaram essa canção como ofensa, nem os Lamba, Lwena ou qualquer outra das tribos que são alvo de zombaria por parte dos dançarinos da kalela. Na verdade, os espectadores, que são geralmente muitos, parecem apreciar esse jogo. Acho significativo o fato de a estrofe mais agressiva ser dirigida aos Nsenga, o que coincide com o padrão das relações zombeteiras entre as categorias Bemba e Ngoni. Mas, em geral, os dançarinos da kalela, como representantes da tribo Bisa, estabelecem um tipo de zombaria unilateral com seus espectadores, na qual expressam sua hostilidade com relação a outras tribos, entretanto não suscitam animosidade.

A kalela na situação urbana

Podemos, agora, retornar ao aparente paradoxo que, a princípio, chamou a minha atenção para a kalela. Devemos lembrar que uma de suas características marcantes era não se apresentar como uma dança tribal; a equipe era composta principalmente de membros da tribo Bisa, que elogiavam os Bisa em geral e seu chefe Matipa em particular. No entanto, as roupas que vestiam e a língua que usavam em suas canções ajudavam a suprimir sua identidade como grupo tribal e a amalgamá-los com os habitantes do Cinturão do Cobre como um todo.

Procuirei mostrar, neste ensaio, que uma das características da estrutura social da população africana no Cinturão do Cobre é que, exceto nesses grupos de dança, o tribalismo não constitui a base para a organização de grupos corporativos. Ele continua sendo, essencialmente, uma categoria de interação no intercâmbio social casual. Da mesma maneira, o sistema de pres-tígio não concorre para a organização dos africanos em grupos corporativamente atuantes, mas funciona como uma categoria de interação, com o tribalismo, na mediação social em uma sociedade predominantemente mutável. Esses dois princípios de associação determinam o comportamento de estranhos uns com os outros, principalmente em relações cotidianas. É impossível fazer generalizações sobre o funcionamento desses princípios sem referência à situação social específica na qual a interação ocorre (Gluckman, 1955, p. 151-63).

McCall (1955, p. 158) fala de "coletividades que começaram a tecer os distintos elementos tribais em elementos comuns" e menciona como exemplos "escolas, igrejas, sindicatos, espaços públicos de lazer como cervejarias e campos de futebol". E prossegue dizendo que "quanto mais os africanos se identificam com esses grupos, menos importante se torna a filiação tribal". O indício que temos do norte da Rodésia é que, em certas situações, os africanos ignoram as diferenças de classe ou as tribais (ou ambas), e, em outras situações, essas diferenças tornam-se importantes. Apresentei dados tentando mostrar que, em sua oposição aos europeus, os africanos ignoram tanto diferenças de "classe" quanto tribais. Dentro de uma associação tribal como as encontradas na Rodésia do Sul, havia uma expectativa de que surgissem oposições em termos de diferenças de "classe" e que houvesse a cisão dentro de uma associação de professores ou funcionários causada pelo tribalismo. As mesmas pessoas que estão juntas em uma determinada situação podem ser adversárias acirradas em outra. O fato de o tribalismo surgir como uma importante categoria de interação somente em certas situações

pode ajudar a explicar algumas das aparentes contradições que observadores astuciosos têm registrado.

Hellman (1948), por exemplo, esclarece que a ampliação das perspectivas e o aumento do conhecimento que a vida urbana proporcionou aos africanos criaram um nativo com lealdades divididas. Este se sente unido aos Bantu como um todo, mas não se libertou do sentimento de superioridade tribal que fez cada tribo, por sua vez, nomear-se "o povo" (ibidem, p.114). Hellman menciona lutas tribais na favela em que trabalhou e nos distritos mineiradores segregados como situações típicas nas quais o tribalismo concorre para a divisão da população em grupos opostos. É importante o exemplo mencionado de uma situação em que distinções tribais são minimizadas. Segundo Hellman (1948, p.114):

Há, em Johannesburgo, o Centro Social dos Homens Bantu, onde qualquer referência a lealdades puramente tribais é condenada, e onde o inglês, como meio linguístico, está intimamente relacionado à concepção de que uma língua comum ajudará a unir nativos de diferentes tribos, cada um com sua língua, dentro de uma nação Bantu.

Antes, no mesmo parágrafo: "A África do Sul branca está intimidada pela ameaça que essa 'nação' emergente representa para sua própria segurança".

O membros da kalela, todos Bisa e que eliminaram possíveis diferenças de "classe" ao adotarem roupas próprias dos que ocupam as posições mais altas na escala de prestígio, apresentam uma frente unificada aos que estão do outro lado. Para os espectadores, não há paradoxo nisso. Creio que, para nós, ele provém da ambiguidade do conceito de tribalismo. Os Chewa usam as danças mascaradas da cerimônia Nyau em suas danças no Cinturão do Cobre. Na Rodésia do Sul, onde os membros das tribos criam grupos corporativos na forma de sociedades funerárias e de assistência mútua, um título e uma constituição desempenham a mesma função. Acontece que os Bisa e muitas outras tribos no

norte da Rodésia do Norte não têm nenhuma roupa especial que os diferencie e por meio da qual expressem sua unidade. Então, desaparecem por trás dos versos de elogio na canção que entoam. Mas as sociedades funerárias e grupos tribais de dança não são liderados por chefes e um grupo de anciãos tribais. Em vez disso, têm um comitê com um presidente ou "rei", secretários, tesoureiros e outros funcionários que administram seu negócio como se faz em qualquer associação europeia.

A estrutura rural tribal não tem nenhuma importância imediata na composição da equipe de dança, e o símbolo específico que usam para expressar sua unidade não é definitivo. Afirmando que o conjunto das relações entre um grupo de membros tribais no seu hábitat rural é algo bem diferente do conjunto de relações dentro do mesmo grupo quando transposto para uma área urbana. Na área rural, as relações dos membros são parte de um sistema tribal completo. Eles fixam suas relações entre si em termos de laços de parentesco, sistema de clãs e sua "filiação" às vilas.

Nas cidades, o padrão de sistema social é determinado predominantemente pelo sistema industrial que forma a base de sua existência e pelas leis que o governo sanciona para regulamentar a vida dos habitantes das cidades. Como as cidades têm-se desenvolvido com base na produção industrial, "[...] o laço monetário que envolve o poder de compra dos serviços e das coisas vem suplantando as relações pessoais como base de associação. A individualidade, nessas circunstâncias, deve ser substituída por categorias" (Wirth, 1938, p.44). A "tribo" tornou-se uma dessas categorias no Cinturão de Cobre, e apenas nesse sentido a kalela é uma dança tribal.

Apêndice I

Ranking de prestígio ocupacional

Ocupação	Distribuição de prestígio						Média ponderada	SD
	Muito alto	Alto	Médio	Baixo	Muito baixo	Não sabe		
Funcionário africano de educação	546	85	8	5	0	9	0,83	0,51
Ministro africano da Religião	395	178	52	11	4	13	1,18	0,73
Professor de escola secundária	382	229	26	5	1	10	1,18	0,69
Inspetor de polícia africano	403	189	31	12	12	6	1,19	0,77
Diretor de escola	350	266	27	4	1	5	1,26	0,70
Assistente social africano	319	257	62	7	2	6	1,34	0,73
Médico	253	323	62	3	2	10	1,47	0,70
Secretário	231	323	70	9	2	18	1,52	0,70
Funcionário público (minas)	178	346	81	12	5	31	1,65	0,68
Funcionário público (governo)	180	345	97	16	4	11	1,66	0,68
Professor de escola primária	112	336	154	39	3	9	1,86	0,62
Carpinteiro	111	303	201	22	3	13	1,86	0,61
Datiógrafo	70	301	214	42	17	9	2,02	0,59
Pedreiro	75	237	259	57	12	13	2,04	0,60
Juiz de paz africano	67	270	197	80	32	7	2,11	0,65
Mecânico	61	206	248	81	26	31	2,14	0,63

Ocupação	Distribuição de prestígio						Média ponderada	SD
	Muito alto	Alto	Médio	Baixo	Muito baixo	Não sabe		
Supervisor (minas)	76	173	150	114	50	90	2,19	0,79
Encanador	51	177	222	90	31	83	2,19	0,65
Vigia	38	206	259	93	25	32	2,21	0,56
Pinor	32	116	312	132	30	31	2,32	0,56
Motorista de caminhão	14	154	320	121	39	5	2,35	0,50
Operador de máquina	27	93	215	180	66	72	2,48	0,64
Mensageiro Boma	20	110	245	196	64	18	2,48	0,59
Mensageiro de escritório	5	47	211	260	114	16	2,72	0,55
Serviçal	18	61	174	217	168	15	2,75	0,68
Garçom de hotel	8	29	207	244	153	12	2,78	0,59
Funcionário da estação	8	35	181	254	148	27	2,79	0,59
Prentista	5	14	128	252	231	23	2,98	0,58
Lenhador	2	17	147	211	251	25	3,00	0,58
Jardineiro	3	3	42	129	465	11	3,37	0,50
Gari	5	16	45	30	512	45	3,43	0,52

Os entrevistados eram estudantes africanos e professores em instituições educacionais em Lusaka e seus arredores. Foram selecionados da seguinte maneira:

- Escola secundária: 303.
- Escola normal: 124.
- Escola técnica: 226.

Total: 653.

A média ponderada foi obtida atribuindo-se um peso a cada uma das categorias de prestígio. Os pesos foram computados pressupondo-se que a distribuição no ranking era "normal". Método baseado em Yaukey (1955, p.317-23).

Os pesos são:

- Prestígio muito alto: 0,62.
- Prestígio alto: 1,96.
- Nem alto nem baixo: 2,27.
- Prestígio baixo: 2,85.
- Prestígio muito baixo: 3,64.

As médias levaram em consideração quatro casas decimais. A ordem do ranking no caso de empate foi, então, decidida pela terceira casa.

Apêndice II

Hierarquia das tribos do ponto de vista dos diferentes grupos étnicos

Quadro 1 – Povos matrilineares do leste

	Matri- neares do leste	Patril- neares do sul	Matri- lineares do norte	Patril- neares do norte	Bila- terais	Matri- neares do centro	Matri- neares do oeste
1		Ngoni					
2	Nsenga						
3	Chewa						
4			Bemba				
5		Ndebele					
6				Tumbuka			
7				Mambwe			
8			Bisa				
9							
10						Tonga	
11			Aushi				
12						Lenje	
13					Lozi		
14						Soli	
15						Ila	
16							Kaonde
17							Lunda
18							Chokwe
19							Luvale
20							Luchazi

O grupo testado de matrilineares do leste foi composto de: Nsenga, 17; Chewa, 16; Nyasa Tonga, 7; Nyanja, 4; Yao, 2. Total = 46.

Quadro 2 – Povos patrilineares do sul

	Patril- neares do sul	Matri- neares do leste	Patril- neares do norte	Matri- neares do norte	Matri- neares do centro	Bila- terais	Matri- neares do oeste
1	Ngoni						
	Ndebele						
3		Chewa					
4		Nsenga					
5			Tumbuka				
6						Bemba	
7						Bisa	

	Patril- neares do sul	Matri- neares do leste	Patril- neares do norte	Matri- neares do norte	Matri- neares do centro	Bila- terais	Matri- neares do oeste
8					Lenje		
9			Mambwe				
10					Tonga		Kaonde
11						Lozi	
12							
13					Soli		
14		Nyamwanga					
15				Aushi			
16					Ila		Lunda
17							Luvale
18							Luchazi
19							Chokwe
20							

O grupo testado de patrilineares do sul foi composto de 28 Ngoni.

Quadro 3 – Povos matrilineares do centro

	Central	Bilaterais	Patril- neares do sul	Matri- neares do norte	Matri- neares do leste	Patril- neares do norte	Matri- neares do oeste
1	Tonga						
2	Lenje						
3	Ila						
4	Soli			Bemba			
5							
6							Kaonde
7		Lozi					
8			Ndebele				
9			Ngoni				
10					Nsenga		
11				Bisa			
12						Tumbuka	
13						Mambwe	
14							Lunda
15					Chewa		
16						Nyamwanga	
17				Aushi			Luvale
18							Luchazi
19							Chokwe
20							

O grupo testado de matrilineares do centro foi composto de: Tonga da Rodésia do Norte, 33; Lenje, 11; Ila, 7; Sala, 3; Soli, 2. Total = 56.

Quadro 4 – Povos patrilineares do norte

	Patrili- neares do norte	Patrili- neares do sul	Matri- neares do norte	Matri- neares do leste	Matri- neares do centro	Bila- terais	Matri- neares do oeste
1	Mambwe						
2	Tumbuka						
3			Bemba				
4		Ngoni					
5							
6		Ndebele					
7			Bisa				
8				Nsenga			
9				Chewa			
10					Lenje		
11			Aushi				
12					Tonga		
13					Ila		
14						Lozi	
15							Kaonde
16							
17					Soi		
18							Lunda
19							Luchazi
20							Chokwe
							Luvale

O grupo testado dos patrilineares do norte foi composto de: Tumbuka, 15; Mambwe, 11; Henga, 10; Nyamwanga, 7; Fungwe, 2; Nyakyusa, 2; Ngonde, 1; Sukwa, 1. Total = 49.

Quadro 5 – Povos bilaterais

	Bila- terais	Matri- neares do centro	Patrili- neares do sul	Matri- neares do oeste	Matri- neares do norte	Patrili- neares do norte	Matri- neares do leste
1	Lozi						
2			Ndebele				
3		Tonga					
4		Lenje					
5		Ila					
6				Kaonde			
7							Bemba
8							
							Nsenga

	Bila- terais	Matri- neares do centro	Patrili- neares do sul	Matri- neares do oeste	Matri- neares do norte	Patrili- neares do norte	Matri- neares do leste
9		Soi				Mambwe	
10				Lunda			
11			Ngoni				
12				Luvale			
13						Nyamwanga	
14				Luchazi			
15					Aushi		
16					Bisa		
17						Tumbuka	
18							
19				Chokwe			Chewa
20							

O grupo bilateral testado foi composto de: Lozi, 30; Lumbu, 1; Totela, 1. Total = 32.

Quadro 6 – Kaonde e Lunda

	Matri- neares do oeste	Matri- neares do centro	Bila- terais	Patrili- neares do norte	Patrili- neares do sul	Matri- neares do leste	Matri- neares do norte
1	Kaonde	Lenje					Bemba
2							
3	Lunda						
4		Tonga					
5		Soi					
6							
7				Mambwe			
8			Lozi				
9		Ila					
10				Tumbuka			
11					Ngoni		
12						Nsenga	
13					Ndebele		Bisa
14							
15						Chewa	
16							Aushi
17							
18							
19							
20							

Composição: Kaonde, 10; Lunda, 9. Total = 19.

Quadro 7 – Chokwe, Luvale e Luchazi

	Matri- neares do oeste	Bila- terais	Patril- neares do sul	Patril- neares do norte	Matri- neares do leste	Matri- neares do norte	Matri- neares do centro
1	Luchazi						
2	Chokwe						
3	Luvale						
4	Lunda						
5		Lozi					
6			Ndebele				
7	Kaonde						
8				Mambwe			
9				Tumbuka			
10					Chewa		
11						Bemba	
12			Ngoni				
13							Soli
14							
15					Nsenga		
16							
17						Bisa	
18							Lenje
19							Ila
20						Aushi	Tonga

Composição: Chokwe, 2; Luvale, 7; Luchazi, 3. Total = 12.

A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado¹

J. Van Velsen

O trabalho de campo etnográfico é orientado, mas não necessariamente determinado, pela visão teórica do antropólogo. Como regra, o leitor de monografias etnográficas nunca pode ter certeza sobre que tipo de material foi realmente coletado e registrado pelo antropólogo em seus diários de campo. Entretanto, as evidências existentes indicam que antropólogos com formação teórica contrastante coletaram diferentes tipos de material e usam métodos variados para coletá-lo. Isso se aplica particularmente a três escolas sucessivas da Antropologia inglesa, com as quais me preocuparei aqui, que rotulei de “pré-estruturalista”, “estruturalista” e “pós-estruturalista”. Neste ensaio, restringir-me-ei ao método que Gluckman denominou de *extended-case method* (o

¹ Do original *The extended-case method and situational analysis* (Van Velsen, 1967). Tradução de Irith G. Freudenhein.